FERNANDO ANDRÉO NETO PELO ESPÍRITO JOÃO
ROMANCE MEDIÚNICO

Zélia

Fernando Andréo Neto

APENAS UMA HISTÓRIA DE AMOR

O céu mudava o azul para o cinzento de uma noite fria, como se estivesse se preparando para repousar. Os pássaros, pouco a pouco, iam silenciando, dando lugar ao cantar dos grilos e coaxar dos sapos.

A cidade, ao pé da colina, longe, parecia uma mira- f gem; a bruma começava a envolvê-la, enquanto as ruas, quase desertas, sugeriam a volta para casa

Em um sobrado antigo, uma janela pequena delatava a luz tremulante de um lampião. Algumas pessoas subiam a escada de madeira, que rangia sob seus pés. Atingindo estreito corredor, bateram suavemente à porta, à direita e alguém, de aparente tristeza, a abriu.

Adentrando o pequeno quarto os visitantes viram-se diante do catre miserável, onde o corpo imóvel jazia. Na parede, um retrato meio-corpo de jovem mulher. Belo ros- I to, sorriso meigo, cabelos negros, à altura dos ombros, acentuados pelo vestido azul-claro. Olhos castanhos, melancólicos, tez branca como a pureza que devia conter sua alma

Vez em quando, o homem deitado olhava o retrato e, como se voltasse à vida dizia com voz fraca mas cheia de paixão:

- Zélia! Onde estás? Por que demoras tanto? Eu vou morrer... não quero ir sem te veri Zélia por Deus, veml

As pessoaa a seu redor, assistiam-no comovidas, sem coragem para articular qualquer palavra pois a emoção as trairía No entanto, como que combinadas, suas mentes começaram uma prece pelo amigo que partia

- Pobre Francisco! - murmura o amigo Lúcio, de rosto molhado, junto à janela a contar o tempo por lágrimas que nasciam de seus olhos e perdiam-se por sua face. - Pobre poetai Sua dor é'Imensa! Tão grande que o está matando! Eu não sabia que se monria de amorl Não sabia que, sem amor, a vida se acabava tão depressa!

O enfermo, como se o tivesse entendido, remexeu-se na cama e fez ouvir seus lamentos:

- Deus, onde está ela? Por que ela teve que ir? Zé- lia, volta pra mim! Sabes que sem ti eu morro!

Uma das moças, a mais jovem, aproximou-se do leito:

- Meu querido amigo, meu pobre Francisco! Tua Zé- lia não faz parte do nosso mundo. Reage, por favori Teus lamentos dilaceram-me o coração!

- Marta, querida! - reconhecendo-a

-Francisco!

- Tu sabes de tudo. Sabes que sem ela eu não quero a vida

- Não fales assim! A vida é dom precioso. Um dia ela termina, mas não devemos abreviá-la Um dia tu irás ao encontro dela

- Quero ir agora' Não suporto a vida sem ... - Um acesso de tosse interrompeu a frase de Francisco. Ele estendeu a mão para o lenço e tentou conter o sangue que surgia entre seus lábios.

- Francisco, acalma-te! — diz o homem junto à porta

- Não forces mais teus pulmões! Não fales tanto!

- Não falar nela, não pensar nela, como se isto fosse possível! 1 diz Marta, dirigindo-se ao amigo preocupado, que interpelara o doente.

- Tens razão, Marta. Nunca vi alguém amar tanto como Francisco ama Zélia! Desde que a conheceu, mudou toda sua vida Parece que esteve à sua espera desde que nasceu!

- E ela o ama tanto quanto ele. Não sei porque Deus permite a dor a quem ama

- Julgar as razões de Deus não nos compete. Se alguém tem culpa desta tragédia é o pai de Zélia, que os afastou.

Marta ajeita a coberta em Francisco e limpa sua boca

- O ouro ainda fala alto para os homens e o pai de Zélia é um homem muito apegado ao ouro. - responde Marta.

O amigo de Francisco caminha até o leito, segura a mão do doente e fala como se seus pensamentos fluíssem sem controle:

- Lembro do poeta alegre, amante da vida e irmão de todos os desamparados. Lembro do rapaz que via as flores e tinha palavras para com as estrelas do céu. Era meio solitário, apesar de tantos o conhecerem. Quando voltava para este quarto, seu mundo resumia-se a estas paredes e à espera de sua amada que, segundo afirmava, em breve viria. E ela veio! Veio como em sua imaginação:
bela, delicada, frágil como as flores, resplandescente como as estrelas, que sempre encantaram seus olhos.

As outras pessoas no quarto comentavam. Não entendiam como alguém se deixava morrer por outra pessoa. Apenas Lúcio, o pintor, que amava realmente Francisco como irmão, o entendia

Lúcio relembrava a euforia do amigo, quando lhe falou de Zélia pela primeira vez:

- Meu caro amigo, ela veio! Desceu do céu de Deus para o céu do meu coração!

- Ela quem? perguntou Lúcio, admirado com a alegria de Francisco.

- Minha estrela, que Deus prometeu! Chegou de madrugada! Bem humorado, Lúcio brincou:

- E não te ofuscastes com o brilho dessa estrela, meu amigo?

- Não. Como faço às vezes, fiquei olhando o infinito até a madrugada, tentando descobrir onde Deus a colocara Absorto, com os olhos para o alto, quando a avistei junto às primeiras luzes da manhã.

- Ora meu amigo, não era estrela! Era o sol! - objetou Lúcio. - Tu confundistes os astros!

- Não. Era uma estrela no chão! A mais bela de todas as mulheres! Os olhos castanhos mais doces que já vi! Os cabelos negros, o rosto alvo como as asas dos anjos e a boca rosada como que copiando as cores das romãs!

- Então o poeta apaixonou-se? Ora viva! Até que enfim!

- Não brinques, Lúcio. Este é o amor que nasceu com a vida. Por toda minha vida estive esperando por ela!

- Então conte-me como foi. Depois dessa descrição, estou assaz curioso!

Francisco começou com ardor, os olhos brilhantes, quase febris, a descrever o encontro:

- Ouvi passos suaves e pensei: 'Quem será a ave madrugadora que vem interromper meus pensamentos?" Voltei a cabeça e ali estava ela, como a própria vida dos meus pensamentos. Trazia nas mãos alguns cravos vermelhos, ainda molhados pela noite.

- Quem és tu, gentil senhorita? Quem és tu, que podes deixar o céu e vir à terra misturar a realidade e a fantasia deste pobre mortal?

Ela riu.

- Deve ser Francisco, o sonhador. Não é assim que te chamam?

- Sim, sou Francisco. E tu, reflexo dos astros, quem és? Qual o teu nome? Presumo, deva ser Luz!

- Zélia Apenas Zélia - respondeu a moça, com expressão divertida

- Apenas Zélia És Zélia? A luz ... Zélia, a flor tornada mulheri

- Deixe de arroubos, Francisco: tu és conhecido por teus exageros. Sou apenas Zélia, a filha do Seu Oliveira, do Hotel Paris.

- E onde estavas Zélia, que eu não te via? Onde teu pai escondia tão rico tesouro?

- Nem rico, nem tesouro. Estava em casa de parentes na Europa a estudos. Voltei, há dois dias, para rever minha família.

- Voltastes para ficar, não?

- Não sei ainda, Francisco. Tenho que ir agora, meu pai já deve estar preocupado. Ele não aprova estes passeios tão cedo.

- Bendito hábito! Bendita vontade de ver o sol antes dos outros!
- Até logo, Francisco. Provavelmente o verei mais tarde.
- Por certo que verás! Até logo, estrela do amanhecer!

E, enquanto ela se afastava, ele ficou em muda contemplação.

À noite, Francisco, ansioso, caminhou até a porta do Hotel Paris, esperando ver Zélia, em quem pensara o dia todo.

Alfredo Oliveira, senhor de cinquenta e três anos, bem apessoado, o tipo do comerciante bem sucedido, veio à porta estranhando ver tal visitante.

- Ora, ora, meu caro Francisco! Que força poderia trazer-te aqui? Já fazia alguns dias que não te via!

Embaraçado, Francisco tentou justificar sua presença:

- Boa noite, Seu Oliveira! Estou à procura de Lúcio. Por acaso o senhor o viu?
- Não. Hoje ainda não. Mas entre. Tome alguma coisa, enquanto espera.

Sem alternativa, Francisco adentrou o estabelecimento.

- Que vais tomar? A noite está fria: que tal um vinho?
- Vinho. Está muito bem, obrigado.

Oliveira estranhou o rapaz tão cerimonioso e comentou:

- Que é isso, Francisco? Somos amigos. Afinal, o que te traz aqui?
- Já disse, Seu Oliveira: procuro o borra-tintas, o meu amigo Lúcio.
- Então vamos ao vinho, enquanto nosso ilustre pintor não aparece. - Dirigindo-se a uma das mesas vazias, pediu ao garçon que os servisse.
- Poucos hóspedes? - perguntou o poeta
- É, meu caro. Nestas últimas semanas o hotel tem recebido poucas pessoas.

Enquanto eram servidos, Francisco passeou o olhar pelo salão de jantar. Apenas uma dezena de mesas ocupadas, que ele calculou ser um terço da capacidade do estabelecimento.

- E tu, poeta? Como vai a tua vida?
- Sabe, Seu Oliveira, eu não tenho os anseie» do poder. Tudo que existe está à minha disposição. Não preciso querer pôr meu nome em nada, pois tudo posso usar.
- É uma censura aos que têm? Vós que viveis no mundo da lua não pensais no futuro?

Francisco tomou um gole de vinho e limpou discretamente a boca antes de responder.

- O futuro é o minuto seguinte. Quando terminei minha frase, as primeiras palavras já eram passado. Então, o que vou querer conservar se nem meus pensamentos posso reter?

Oliveira olhou o rapaz, considerando-o meio insano; pois pensava na melhor forma de garantir sua velhice e vinha o moço com metáforas.

- Acho que não tens nem uma casa, tens?
- Eu tenho um quarto alugado na pensão. Não preciso nada mais que isso.
- Aposto que o aluguel está atrasado. - disse Oliveira, tentanto provocar o moço.

Francisco fingiu não entender e perguntou se havia novidades, ansioso por saber algo sobre Zélia.

- Ouvi dizer que o senhor tem parentes na Europa Não sabia Já chegaram para vê-lo?
- Pelo jeito ouvistes as comadres fofocando. Tenho apenas uma filha, em casa de uma irmã, que, por sinal, voltou anteontem.
- Veio para ficar?
- Não. Os estudos não terminaram. Zélia devé voltar à casa da tia dentro de um mês.
- Zélia... nome bonito! Fará juz à beleza da moça?

Oliveira riu divertido, pois, no fundo, apreciava Francisco.

- Zélia é bonita, sim. Qualquer dia tu a conhecerás. Hoje ela foi visitar parentes na cidade.

Francisco, vendo que a razão de sua permanência ali fora frustrada, pensou em retirar-se.

- Obrigado pelo vinho. Acho que Lúcio deve ter encontrado alguma garota e, tão cedo, não virá.
- Boémios! Trocam de amor tão facilmente! Às vezes os invejo!

Francisco olhou o amigo, pensativo, demorou a responder.

- Não sei o que chamas de boêmio! Quanto a mim, sou um homem comum.

- Comum? Ha! Ha! Ha! Vives de que? Poesia? Alimenta-te de que? De sonhos? E te dizes um homem comum?

- Bem, meu amigo, o senhor sabe que a terra me dá de tudo. Que o céu me dá água e ainda tenho calor do soi. Por que vou querer ser dono da terra, controlar a chuva, possuir o sol, se não posso comer tanto, nem beber tanta água e se o sol só aquecesse à mim, por certo me mataria de tanto calor?

- Tu és mesmo o que dizem: um poeta! Mas a vida não é só poesia O dinheiro é muito importante. Se não tivéssemos quem administrasse o dinheiro o mundo seria um caos nas mãos dos poetas e dos vagabundos. Desculpe-me amigo. Não quis ofender-te.

- E não ofendeu. Bem, já vou indo. Se Lúcio aparecer, por favor, diga que quero lhe falar. Boa noite.

- Boa noite e bons sonhos; se é que vais para casa e não para a boémia.

Francisco saiu pela noite fria, sem olhar para trás. Dois meigos olhos castanhos ocupavam sua mente. Caminhava devagar, o olhar em contemplação, quando alguém o interpelou:

- Ei moço, tens alguns trocados para um pobre mendigo?

Era um velho maltrapilho, que a ele se dirigia Barbas grandes, quase brancas, rosto magro de quem pouco se alimenta

Francisco, sem pensar, levou a mão ao bolso e deu-lhe um pouco do que tinha sem saber que aquele vagabundo era mais do que aparentava.

- Obrigado, amigo! Que Deus o abençoe! Espere! Eu te conheço! Tu és Francisco, não és? Tome. Não posso aceitar teu dinheiro.

Surpreso, o poeta olhou o rosto do mendigo e em seus olhos viu um brilho que nunca vira antes nos amigos da rua

- E por que não? - interrogou Francisco. - Por que não podes aceitar meu dinheiro?

- Porque Francisco é o único amigo dos mendigos. O único que nos trata como irmãos e que compõe para a pobreza, tomando a miséria menos terrível.

- Que modo estranho de falar! Quem és tu?

O velho sorriu, mostrando bela dentadura, que surpreendeu o moço.

- Sou amigo dos que amam. Sou irmão dos que sofrem. Sou enfermeiro dos doentes tfalma. Eu sou servidor da luz!

Francisco sentiu que aquele não era um encontro comum, que não era um simples irmão dos becos, como chamava aqueles com os quais estava acostumado a dividir o que conseguia, vendendo seus poemas e suas canções.

- O que queres tu, que te dizes irmão de todos?

- Não importa meu nome. Sei que conhecestes alguém que te impressionou. Sei que ela sentiu a mesma emoção. Mas vim te dizer que deves esquecê-la, antes que seja tarde!

- Zélia?! Devo esquecê-la? Eu espero-a há tanto tempo! Sou o homem de sua vida, eu sei! Por que deveria esquecê-la?!

O velho olhou o moço com pena e, com entonação calma, fez sair sua voz, como se estivesse consolando uma criança:

- Deus sabe do amor e o amor vem de Deus, mas a conquista do amor depende da evolução humana. Deus não nega nada a seus filhos: permite que cresçam e valorizem suas conquistas, para que não sejam temporárias. Zélia tem conquistas e deveres que a afastarão do teu caminho por hora Não cultiveis sonhos que te façam so- frert

- Que deveres? Eu a conheci hoje e já devo esque- cê-la?! Por quê?! Sei que ainda são sonhos quase estranhos, mas sei que eia é o amor, o meu amor para sempre!

- Para sempre, mas não nesta hora, nestes tempos. Tu a vistes não para querê-la egoísticamente, mas para que soubessem um do outro. Para que ambos lutassem para estar juntos. Não faças nada para interferir

no anda-
mento da vida dela ou serás responsável pelo fracasso de ambos.

- Fracasso? Do que estás falando? Pois quem ama não deve lutar para estar junto da pessoa amada?

I Tu podes amar e deves fortalecer este amor, mas saibas que amor é renúncia, é tirar de si o máximo para que o outro seja vitorioso, enquanto aplaudimos com lágrimas nos olhos, em silêncio.

- Mas eu não quero renunciarl Não entendi bem o que me dissestes. Não vejo razão para não ter o amor de Zélial

- Zólia é teu destino: às vezes longe, porque ambos precisam aprender. Mas o amor sublime, que vem da fonte maior, os liga. Agora adeus Francisco. Já é hora de ir.

- Mas quem és tu? Nem mesmo me dissestes teu nome!

O velho começou a andar. Antes de dobrar a esquina, fez um gesto de adeus e disse:

- Podes chamar-me João.

Francisco fez menção de segui-lo, mas, quando chegou à esquina, desapareceu: a rua estava vazia

• • •

Zélia voltava para casa quase nesta mesma hora Sua irmã que a acompanhava estranhou seu silêncio.

- Quem ocupa teus pensamentos, cara irmã? Será algum cavalheiro que ficou na Europa?

- Não Natália Estou distraída com a paisagem.

- Que paisagem? Garça Branca só tem o rio e as montanhas do lado sul!

- São lindas de manhã. O bosque e as montanhas, ao fundo, formam um quadro bonito, quando o sol está nascendo.

- Que romântica! Ah, e por por falar em romantismo, já ouvistes falar de Francisco?

- Eu o conheci hoje de manhã, quando colhia flores. Quem é ele, na realidade?

- Quem são eles, queres dizer? O par de olhos mais triste e sonhador que já vi.

Zélia lembrou dos olhos de Francisco e não recordou nenhum brilho de tristeza, mas sim de alegria Não disse nada à irmã, que continuou falando:

- Francisco é o nosso poeta Temos um pintor e alguns boêmios, como toda cidade pequena.

- E o que tem de especial este poeta?

Natália sorriu.

- Francisco é um belo moço e, segundo dizem, um bondoso coração que algumas moças quiseram conquis-
tar.

- E ele? Deu seu coração a alguém? - perguntou Zélia, temerosa da resposta

- Não. A não ser alguns casos passageiros, nunca soube de nada sério.

- Pelo jeito conheces muito bem Frandscol São amigos?

- Ele é amigo do papai. Às vezes aparece no hotel.

Zélia não sabia por que o interesse por alguém que conhecera de manhã, apenas sentia estranha ligação com Francisco e a sensação de tê-lo conhecido há muito.

O acaso, que a mão do destino traça e que deixa de ser acaso porque é destino, fez com que se encontrassem novamente. Francisco, de volta à sua casa, e Zélia, que o procurava em pensamento:

- Boa noite! Vais colher cravos ou, a cada vez as flores se diferem?

- Boa noite, Francisco! Só colho flores de manhã quando estão mais bonitas com o orvalho.

- Boa noite, Natália! Estive com teu pai há pouco.

Zélia sentia-se feliz junto daquele moço. Só não o
demonstrava porque sua formação recatada a impedia de expor seus sentimentos.

- E papai, ainda estava trabalhando? Com os negócios fracos, ele anda meio aborrecido.

- Estava trabalhando, sim. Mas não notei se estava preocupado. E tu Zélia, viestes para ficar?

- Não sei. Ainda não terminei os estudos. Talvez volte logo para a casa de meus tios. Por mim, gostaria de ficar.

- Gostaria que ficasses. Gostaria que ficasses sempre junto a nós.

Natália, percebendo a emoção do jovem casal, afastou-se alguns passos, para que pudessem conversar mais à vontade.

- Então, Sr. Francisco, queres que eu fique? Por quê? Mal nos conhecemos?
- Não, Zélia! Eu te conheço há muito tempo. Acho que desde o começo da vida!

Zélia sorriu, talvez para disfarçar a vontade de reafirmar as palavras de Francisco.

- Toda a vida não! Desde manhã!
- Minha vida começou esta manhã! Antes eu só esperava por ti! Agora nasd! Estou vivo!
- Psiu! Fala baixo! O que pensará minha irmã?
- Desculpe-me, mas a emoção que senti, quando te vi, deu-me a certeza de que te amo.

Zélia queria ouvir, queria que Francisco dissesse o que disse; mas, mesmo assim, tal declaração a surpreendera pela impetuosidade.

- Mal me conheces! Como podes amar alguém que conhecestes só há um dia?

Francisco segurou a mão de Zélia e, olhando-a nos olhos, disse tudo o que lhe ia no coração:

- Eu te amo, te amei e te amarei para sempre! Eu sou parte da tua vida, desde o princípio! Tu és a razão desta minha vida!

Feliz, confusa, nervosa, Zélia calou.

Natália aproximou-se e chamou a irmã, dizendo que já era tarde e que o pai poderia estar preocupado.

- Zélia, vamos embora Francisco, boa noite.
- Boa noite, Zélia Até amanhã, Natália Zélia, os cravos vermelhos e eu esperaremos por ti amanhã.
- Boa noite, Francisco. Não sei se virei amanhã cedo.
- Eu te esperarei.

Enquanto as duas moças se afastavam Francisco as observava Só quando a noite envolveu as duas figuras ele decidiu ir para casa

Francisco e as moças não perceberam que estavam sendo observados desde o início do encontro.

- Meu caro, não seria melhor termos evitado este encontro?
- Não, Haroldo. Francisco e Zélia devem triunfar com todas as dificuldades que este amor lhes causar.
- Mas Francisco já está em débito. Não constituiu família sua poesia é mundana, sua vida só tem Zélia como objetivo!
- Zélia é mais equilibrada e dará oportunidade de vitória aos dois.
- Francisco me preocupa: é voluntarioso como as crianças; tem muito que caminhar antes de ficar ao lado de Zélia como queri
- Bem, deixemos o tempo correr. Quiseram encontrar-se para encorajar um ao outro e foram atendidos: que cumpram agora o combinado.
- E nós, dentro das leis divinas, os ajudaremos. Agora vamos, meu amigo, temos muito trabalho.
- Vamos João, vamos ao trabalho.

Francisco, excitado, não dormiu. Seu coração cantava e sua mão escrevia todas as sensações da presença de Zélia O amor, tão vivo, tão forte, não o deixava raciocinar com equilíbrio. Mas, de suas mãos, as palàvras fluíam para o papel, como carícias no rosto de Zélia Estrela do amanhecer, onde estão teus olhos, que trouxeram-me a luz?! Trouxeram vida ao meu viverl

Moça dos cravos vermelhos, onde estás agora?

O céu está vazio, a estrela mais bonita veio à Terral

Estrela do amanhecer, dos cravos orvalhados!

E meus olhos, que querem te ver, também molhados, também saudosos da tua luz!

Onde estás agora?

Eu te esperei para um sonho!

Eu te amo para a eternidade! Estou pleno de saudade!

Eu preciso de ti!

Vem para mim!

Dá-me tua mão, estrela minha!
Eu nada tinha,
nem sequer esperanças.
Agora te revi, não te esquecerei! Quero estar contigo!
Eu te amo e não quero te perder!
Zélia, febrilmente, tentava adormecer. Francisco não safa de seu pensamento. Algo lhe dizia quem era o moço, tal a emoção que sentira ao vê-lo. Mas também sentia que devia afastar-se dele.

- Senhor todo poderoso, dai-me o benefício do sono, para que eu não pense mais. Sou sua filha, Deus de misericórdia! Dai-me vosso amparo!

Enquanto Zélia e Francisco tentavam adormecer, Alfredo Oliveira, sentado no escritório do hotel, fazia contas e mais contas, tentando juntar o máximo do mínimo, que o hotel ora rendia

- Meu Deus! Este mês terei problemas com a folha de pagamentos. Já não bastava aquela maldita hipoteca, agora esta fase de tão maus negócios! Que fazer, meu Deus?

Batem à porta Oliveira precisa ouvir pela segunda vez, antes de localizar as batidas, tão concentrado estava

- Quem será? Não espero ninguém esta noite!

Quando abre a porta, vê-se diante de Raul Jordão
Novaes, gerente do banco local.

- Raul, que surpresa! A que devo a honra desta visita?

Raul, homem de trinta e oito anos, bem apessoado, cabelos levemente grisalhos, boa estatura, estende a mão ao amigo.

- Boa noite, Alfredo! Vim ver-te porque estou preocupado contigo!
- Por causa da hipoteca? Ainda falta quase um mês para o vencimento!
- Alfredo, acalma-te! Vamos conversar, não fiques nervoso sem necessidade!
- Desculpe Raul. Entre, vamos nos sentar. Queres beber algo?

Enquanto adentra o escritório, Raul passeia os olhos nos belos quadros que o enfeitam.

- Se possível, café, meu amigo.

Alfredo toca a campainha e uma serviçal logo bate à porta Depois de pedir o café, Oliveira volta-se para o amigo:

- Então, o que te traz tão tarde à minha procura?

Raul pigarreia

- Sabe Alfredo, eu, como homem de finanças, sei da situação de todo os comerciantes de Garça Branca Sei que a tua não é da melhores.
- Desde que abriram aquele novo hotel para turistas, o movimento caiu um pouco, mas eu me recupero, verás!
- Em trinta dias?
- Estás falando por causa da hipoteca? Mas podemos prorrogar o prazo! Tu és meu amigo afinal!
- Eu sou, Alfredo, mas os depositantes não! É a terceira prorrogação de dívida que me pedes!
- Quer dizer que não poderás me ajudar?
- Não desta vez. Gostaria muito, mas não sou o dono do banco. Tenho que responder com lucros aos investidores.

Alfredo cala-se. A noite lhe parece mais fria agora As últimas esperanças estavam fugindo. O café, que a empregada trouxe, esfriava em frente, sem que ele se animasse a sorvê-lo.

Raul, constrangido:

- Meu amigo, não te deixes abaterl Tu sempre fostes um lutador. Apenas acho que deverias ter modernizado o Hotel Paris, ter investido no turismo de nossa cidade.
- Agora outro já o fez. Que adianta lamentar? No dia do vencimento eu o procurarei. - disse Alfredo, levantando-se.

O amigo, entendendo que Oliveira queria ficar só, cumprimenta-o e vai embora. Quando ficou só, Oliveira deu vazão ao desespero.

- Deus! Como vou fazer? Justo agora que Zélia voltou! Não pude nem sentir a felicidade de ter minha filha junto a mim!

A madrugada chegou e o encontrou no escritório, até que o cansaço o venceu e ele adormeceu sobre a mesa.

Passaram-se muitos dias antes que Zélia e Francis- oo se vissem novamente. Mas os corações em procura fatalmente se encontram. Numa noite, Francisco estava na praça, olhando o céu e pensando nela, quando seus olhos se encontraram. Foi como o despontar do sol, tal o efeito de seus olhares. Nove horas. No coreto a bandinha ensaiava minuetos e valsinhas para o fim de semana. Ao se aproximarem a pequena orquestra, languidamente, tocou a mais bela canção para o casal. Francisco voltou-se para Zélia e, em mesuras de salão, convidou-a para dançar - Senhorita, dá-me a honra desta dança?

Ela sorriu encantada:

- Pois não, cavalheiro!

Delicadamente colocou sua mão sobre a de Francisco e, com muita graça, fez o primeiro volteio.

- Quem bom te encontrar! Acho que te procurava!
- E eu te esperava! Te esperava esta noite, como há tantas noites te espero!

Zólia, sempre com os olhos nos de Francisco, dançava, flutuando nas notas dolentes.

- Eu te amo! Finalmente chegastes! Agora não te deixarei mais ir embora! Quero que fiques no meu coração!
- Eu quero ficar! Não sei se poderei, mas eu quero!
- Podemos eternizar esta noite e dançar até o céu. Pisaremos as nuvens e descansaremos entre as estrelas, tuas irmãs!

Zélia, o coração em felicidade, mas a estranha sensação de que seria só um momento mágico, que acabaria depressa

- Francisco, tu és um sonhador e a vida não ó feita só de sonhos, mas agora eu quero sonhar, quero sonhar em teus braços!

A música estava no fim, quando os jovens se abraçaram e seus lábios se uniram num beijo temo, saudoso e pleno de amor.

Enquanto isso, Alfredo Oliveira tentava achar a tábua de salvação para seus negócios. Estava em casa de um amigo abastado, tentando um empréstimo. O amigo, que não misturava amizade e negócios, o recebeu com frieza, pois conhecia a situação de Oliveira

- É, meu caro Alfredo, tua situação é grave!
- Mas posso revertê-la. Posso dar novo impulso ao hotel, se reformá-lo. Oferecer mais comodidade aos hóspedes. ..
- Mas o que precisas é muito. O que tens para garantir meu dinheiro?
- Tenho o hotel e um sítio fora da cidade, tu sabes.
- Ambos hipotecados. Diga . . tua família sabe da situação?

Alfredo não esperava a pergunta e não queria res- pondê-la; mas o interlocutor insistiu:

- E então? Tuas filhas sabem da tua situação?
- Não. Eu não disse nada. Zélia voltou agora e Na- táiia é muito jovem para os negócios e. .. mulher, tu sabes, só serve para cuidar da casa.
- Ainda não vi Zélia Dizem qué está muito bonita
- E está mesmo. Mais bonita do que a mãe o era.

O milionário cinqüentão, solteiro, sempre quisera alguém jovem e bonita a seu lado. Talvez, pensou, fosse a oportunidade de conhecer alguém interessante.

- Sabe Alfredo - disse Lourenço, mudando o tom de voz - eu te estimo muito, mas já é tarde... quem sabe possamos conversar em tua casa, amanhã à noite? Até lá, verei o que posso fazer.

- Ótimo! Eu te espero às nove, amanhã. Zélia canta muito bem e Natália a acompanha ao piano... nos alegrarão antes de falarmos de negócios.

- Então, boa noite, Alfredo.

- Até amanhã.

* . .

Francisco sonhava acordado. O rosto amado estava sempre diante de seus olhos. Perto dele dois homens conversavam: eram irmãos, que não viviam no mesmo plano de Francisco.

- Pobre Francisco! Parece-me frágil para o que vai enfrentar!

-Engana-se Haroldo; quando Deus nos dá a prova é porque a podemos suportar.

- Mas ele é desprendido. Não o vi apegado a nada na terra a não ser a Zélia, e eia, sabemos, é espírito que caminha rapidamente para o alto.

- Sabe Haroldo, o desprendimento de Francisco é irresponsável. Deus nos dá e deu a Francisco o suficiente para si e para administrar em prol de alguém. Ele dá sem discernimento. Não valoriza o que tem; com ele os bêbados bebem mais e os vagabundos têm mais um dia ocioso garantido.

- Mas João, e o amor? E esse amor tão bonito que nutre por Zélia? Isso não desculpa?

- Em parte sim. Mas, no geral, tu sabes que o amor não pode ser egoísta Todos temos algo a dar a nossos irmãos em evolução e Zélia tem muito a fazer. Só que, com Francisco, não o fará. Ele é exclusivista demais; a voz e o amor de Zélia pelo próximo ficarão restritos a Francisco e o mundo não gira só em tomo deles. Francisco ama Deve amar, mas deve educar seus sentimentos para que os irmãos, que convivem com ele, se eduquem também.

- É. Vivem no mundo e devem tomá-lo melhor, mudando e fazendo mudar os corações. O canto e a poesia devem se unir para unir as ovelhas perdidas.

- Um dia isso acontecerá Até lá, nós, os servidores, teremos muito trabalho.

. . .

Na noite seguinte, Oliveira, que tinha prevenido as filhas que seriam visitados, esperavam juntos na sala. Na- tália ao piano e Zélia cantando, lembravam antigas canções. Riam felizes das lembranças e do prazer de estarem juntos, quando a empregada pede licença para anunciar que o Sr. Lourenço havia chegado. Oliveira vai à porta:

- Boa noite, Lourenço! Pontual como sempre!

- Boa noite, meu amigo! Vir a tua casa é sempre um prazerl

- Entre. Passemos à sala, onde nos aguardam.

Zélia, antes de ver a visita, ouve sua voz, que lhe causa estranho calafrio.

- Lourenço, certamente te lembras de Zélia, não? Lourenço não esconde a satisfação de tocar a mão de Zélia com os lábios:

- Como poderia esquecer aquela flor em botão, que hoje confirma a promessa de beleza?!

- O sr. é muito gentil! Por favor, sente-se.

Depois de acomodados, palestraram sobre assuntos banais, sem que Lourenço tirasse os olhos de Zélia

Natália, quase esquecida, podia observar as atitudes de Lourenço, sem que os demais notassem; até que Oliveira, após o café, convidou Lourenço para passar ao escritório. Lourenço, no entanto, relutou em deixar a companhia da moça

- Seu pai disse-me que cantas muito bem. Não poderias encantar meus ouvidos com algo que tenhas trazido da Europa?

- Zélia, o Sr. Lourenço quer nos ouvir satisfaçamos sua vontade!

- Pois não, Natália Tem alguma preferência, Sr. Lourenço?

- Confio no teu bom gosto, Zélia

Zélia, então, caminhou para perto de Natália, que já se acomodara ao piano. De pé, olhou para a irmã, sem palavras e, o piano soltou as primeiras notas de melodia conhecida Zélia sorriu e sua bela voz encheu a noite

de encantamento.

Quando a canção terminou, Lourenço levantou-se para cumprimentar Zélia

- Maravilhosa minha cara! Simplesmente maravilhosa!
- Obrigada Sr. Lourenço! - sem jeito com o entusiasmo do homem, Zélia convidou Natália para que se retirassem.
- Vamos Natália o Sr. Lourenço e papai têm que falar sobre negócios; deixemo-los à vontade.
- Boa noite, senhoritas! Ah, sábado espero-as, ao sr. seu pai também, em minha casa
- Se papai for, teremos prazer em acompanhá-lo. - disse Natália

Quando passaram ao escritório de Oliveira, Lourenço ainda elogiava Zélia

- Que filha encantadora! Oliveira, onde escondestes tal tesouro por tanto tempo?
- Zélia voltou da França, onde passou três anos estudando. Lá morava com minha irmã, que há muito fixou residência em Lion. Natália era muito apegada à mãe... não quis se separar. Quando minha esposa morreu, ficou tendo em mim tudo o que em afeição precisava Quando Zélia foi à França a convite da tia eu quis que Natália fosse também, mas ela não quis.
- Compreendo tua situação, meu amigo. Tu fostes pai e mãe e muito bem, por sinal!
- É. Mas agora como sabes, meus negócios não andam bem e eu preciso que alguém invista no Hotel Paria
- É para ser estudada atentamente tua situação que estamos aqui! Sei que Raul Novaes, do banco, tem te visitado; é pelo débito?
- Sim, Lourenço. Existe uma hipoteca sobre o hotel, cujo prazo expira em menos de um mês.

Lourenço pensou por um momento antes de falar. A figura de Zélia não lhe safa da mente.

- Amanhã falarei com Raul. Juntos veremos o que se pode fazer.

Oliveira agradeceu ao amigo e, enquanto despediam-se, lembrou a este que só possuía o hotel, mas se reformado, seria fonte de lucro e o que aplicasse estaria garantido.

- Eu sei Oliveira. Falarei com Raul amanhã. Sábado conversaremos. Eu os espero às oito horas. Será um jantar agradável)
- Lá estaremos. Boa noite.

Um aperto de mão encerrou o encontro.

. ' . .

Francisco e Lúcio, logo cedo, tentavam vender os frutos de seus trabalhos. Lúcio, com dois quadros, caminhava ao lado do amigo que, por sua vez, carregava um pasta de couro - presente de um estudante para o qual fizera um poema, que encantara sua namorada

- Então, Francisco? Por onde tens andado? Não te vejo há dias! As moças do grupo têm perguntado por ti!
- Francamente, Lúcio! Quem perguntaria por mim, estando em tua companhia?
- Ora, és muito amado! Marta não te esquece!
- Pobre e querida Marta! A melhor amiga que alguém pode ter!
- Acho que ela ficaria triste de ser considerada apenas como amiga

Francisco, pela primeira vez, não falou ao amigo de Zélia Era um segredo precioso. Não ia dividir sua felicidade com ninguém. Amava e era amado. O que mais importava?

- Onde vais Lúcio? Estes quadros são encomendas?
- Sim. O comendador Silveira os queria para ontem. Só terminei os últimos detalhes de madrugada. E tu, onde vais?
- Vou ao cabaré mostrar as novas canções. O pessoal do teatro quer fazer uns pedidos. Provavelmente hoje teremos almoço e jantar!
- Bem que dizem que os poetas vivem de sonhos) Que sabor tem a poesia?
- Deve ser o mesmo de tuas tintas! - disse rindo. - Por acaso já comestes algum quadro?

Bem humorado, Lúcio retruca:

- Comi, sim! Uma natureza morta, horrível! Acho que estava morta há muito tempo!

Rindo da própria situação, privilégio que só os puros de coração têm, os rapazes caminharam para a vila

Nesse ínterim, Zélia, por acaso, toma conhecimento da situação do pai, ao ouvir a conversa de dois empregados. Procurava o pai. la entrar na cozinha, quando aquela frase a surpreendeu:

- Será que o pagamento vai atrasar? Ainda mais que os credores já batem à porta!
- Não sei não. O patrão está tão esquisito. Este hotel não tem muito futuro. Estou aqui cozinhando há cinco anos e nunca vi tão poucos hóspedes!
- Nem eu! Acho que seria melhor fechar. Nós iríamos procurar emprego no hotel novo.

Zélia voltou atrás. Não fez sentir sua presença. Foi direto ao escritório do pai. Encontrou-o com as mãos apoiando a cabeça, representando fielmente o desânimo.

— Bom dia, papai! O que está acontecendo?

— Nada minha filha! — sobressaltado. — Bom dia! Quem te acordou tão cedo?

— Foi a visita de ontem, o Sr. Lourenço! Enviou-me flores e eu queria saber o porquê.

Oliveira, tão surpreso quanto a filha, não soube responder.

— Papai, como estão os negócios? O sr. está sem dinheiro?

— Filha, o que é isso?) Que perguntas são essas?! Nunca te interessastes por estas questões!

— É que não entendia; era muito jovem. Agora o tenho visto preocupado e uma conversa que ouvi confirma tudo. As coisas não vão bem, não é papai?

Oliveira baixa a cabeça. Toda sua vida fora o homem que cumprira seus deveres; o pai prestimoso, que não deixara de atender aos menores desejos das filhas. Agora, toda esta situação o deixava deprimido.

— E a temporada, Zélia. — disse com esforço. — É a mais fraca dos últimos anos!

— E as contas, papai? Tem podido saldá-las?

— Mais ou menos, Zélia. Mas isso não deve te preocupar. Logo tudo melhora.

— E o homem que veio ontem em casa? Tem algo a ver com isso?

— É apenas um velho amigo, a quem recorri. Talvez possa me auxiliar nesta fase.

— Assim espero, papai. É em sua casa que jantaremos no sábado?

- Sim. Se não quiseres ir, Natália me acompanha
- E deixá-los sozinhos? Nunca! Eu irei também!
- Muito bem. A família deve ser unida Eu preciso muito de minhas filhas!

Zélía beijou-lhe a face e saiu. Contagiada peia emoção do pai, ela pensava em Francisco e no pai. Agora dois homens, por diferentes razões, ocupavam seus pensamentos.

Lourenço, por sua vez, procurou Raul, no banco. Ao ser recebido disse ao gerente que queria comprar a hipoteca de Oliveira Raul ficou surpreso, pois Oliveira não havia lhe dito nada

- Sinto, Sr. Lourenço, mas não posso fazer tal coisa sem consultar o Oliveira e saber de sua aprovação!
- Ora, Raul. Quero fazer uma surpresa a um amigo, tirando-o de uma situação difícil e, ao mesmo tempo, beneficiar seu banco: quito o débito e não terás mais preocupações.
- A não ser a de fazer um negócio à revelia de um amigo. De qualquer modo, gostaria de falar com Oliveira antes.
- Assim não será possível Raul. Quero a hipoteca de Alfredo Oliveira Quero presenteá-lo com o pagamento dela e tu, que te dizes amigo, não queres contribuir para lhe dar tal alegria?!

Raul conhecia Lourenço. Sabia que ele jamais faria algo sem ser para ganhar e, mesmo sendo Lourenço o maior depositante do banco, insistiu na recusa:

- Lamento, Sr. Lourenço. O assunto é muito delicado, não posso resolvê-lo assim!

-E ... que tal se eu transferisse meus depósitos para o teu concorrente, já que não posso contar contigo?

Raul, consternado, cedeu aos interesses financeiros: em primeiro lugai "a amizade".

Zélia, ao anoitecer, caminhava para o encontro de Francisco, la pensativa O pai lhe aparecia tal como estava velho e abatido; suas tentativas para disfarçar não surtiam efeito. Só quando percebeu o olhar de

Francisco, Zó- lia sentiu fugir a tristeza de seu pensamento.

- A flor mais bonita e a estrela mais brilhante chegaram juntas! Agora tenho luz, tenho a primavera, tenho a til - disse Francisco, segurando temamente as mãos de Zélia para o mais delicado beija

- Os teus olhos são os olhos de um poeta mesmo: só tu me farias rir hoje! Faz tempo que me esperas?

- Desde o começo da vida!

- Ora, Francisco! Falemos sério! Sentistes minha falta?

- Meu coração foi contigo e meus olhos guardaram na retina só tua imagem! Agora uno meus pedaços e os divido quando estou longe de ti!

- Como ó bom estar contigo, Francisco! Parece que quis te encontrar sempre!

Caminharam de mãos dadas. Quem os via, contra o fundo negro da noite, percebia a claridade que os envolvia: era a luz do amorl

Francisco colheu um cravo vermelho e, com ele, enfeitou os cabelos de Zélia.

- Quisera ser como esta flor estar nos teus cabelos, na tua pele, na tua mente e, para sempre, no teu coração!

- Tu estás! Eu te amo!

Olhava nos olhos dele com a certeza de um amor que sentia, que vinha com a permissão de Deus.

- No entanto, sinto que estás meio triste!

- Contigo?! Como posso estar triste junto de ti? Quando chegas, as sombras se dissipam, meu sorriso volta, a música flui até das flores, as estrelas dançam... eu sinto vida perto de ti! Eu só vivo junto de ti!

Francisco e Zélia, juntos, só tinham olhos um para o outro. Os dois amigos, perto, os observavam preocupados:

- Meu querido João, sabes que Zélia não ficará junto de Francisco! Por que não impedes estes encontros?

- Haroldo, estou surpreso contigo! Zélia saberá tomar a dedsão certa, ainda que lhe custe muita dor!

- Ela quis ver Francisco, quis encontrá-lo, pois sabia que ele não podería ficar longe dela tanto tempo. Até qüe se fortaleça no amor de Jesus, Zélia é a única que pode ajudá-lo. E ela o ama Ama bastante para suportar o sofrimento.

- E ele suportará? Eu o acho fraco fisicamente e es- pirituaimente nada o recomenda!

- Para que ele consiga fortalecer-se, Zélia quis vê-lo antes de recomeçar sua prova. Ela será a força de Francisco!

- Pobre Zólia! Veio para derramar muitas lágrimas! Que Jesus lhe permita o consolo fraterno! Nós a ampararemos se o mestre permitir.

- Mas pouco podemos fazer. O pai de Zélia precisará muito dela e dependerá dela mudar o destino de várias pessoas.

- Então João, vamos ajudá-la E Francisco não ficará sem consolo, se depender de nós.

- Depende muito dele, Haroldo. Ele tem que fazer suas conquistas. Ele não é mau: apenas veio resgatar débitos do coração. Quando conseguir - esclarecido, sofrido e vitorioso - estará com sua amada Zélia Mas não será desta vez!

• • •

Quando o sábado chegou, Lourenço tinha posto os empregados da mansão em polvorosa queria tudo perfeito para os convidados, ou melhor, para impressionar Zólia. Quando o carro de Oliveira adentrou nos jardins, ele, pessoalmente, foi recebê-los.

- Boa noite, meu caro Oliveira! Natália! E tu Zélia? Estás encantadora!

- Obrigada, Sr. Lourenço! O sr. é muito amável!

Com o braço sobre os ombros de Oliveira, Lourenço
demostrava a satisfação de tê-los em sua casa

- Caro amigo, esta casa é solitária É grande demais para mim. Eu sinto enorme alegria em ver a beleza e a

mocidade aquil

- É Lourenço, a juventude de minhas filhas é um bálsamo para nossos corações enfraquecidos.
- Que é isso Oliveira?! Falas como um velho! Nós temos muito tempo à frente!
- Tens razão, contagie-me com teu otimismo, pois estou precisando.

Entre conversas banais e atenção para com Zélia o jantar transcorreu em clima de festa. Toda vez que Oliveira queria falar sobre negócios, o velho milionário fazia- se desentendido, não querendo deixar a companhia da moça

- Lourenço, acho que já é tarde e nós precisamos conversar. Podemos passar para o escritório?
- Hum. . . bem, já que estás tão ansioso. .. Zélia, Natália nos dêem licença, por favor.

A contragosto Lourenço encaminhou-se para o escritório, seguido de Oliveira que, apesar da recepção, tinha o semblante carregado, mostrando o que lhe ia na alma. As duas irmãs, na sala tomavam café e comentavam o jantar.

- Zélia o Sr. Lourenço não tirou os olhos de ti. Mal comeu, tudo era Zélia tudo para Zélia!
- Que exagero Natália! Ele é apenas gentil e muito simpático.
- Simpático? O velho está apaixonado por ti! Isso ficou mais do que evidente!
- Ora, ele não é tão velho assim. Mas meu coração já tem dono.

Natália ia perguntar quem era q felizardo, quando a porta do escritório se abriu e os dois homens voltaram à sala.

- Espero não tê-las aborrecido com a demora.
- Não foi tanta assim. Natália e eu apreciamos sua casa; muito bonital
- Esta casa ficaria mais bonita se alguém como tu, Zélia, morasse nela Mas eu vivo só.

Zélia, que se preocupava apenas com o pai, agora, vendo-o menos tenso, sorriu ante o galanteio.

- Quanta gentileza, Sr. Lourenço! Acho que o sr. vive só porque quer.

Lourenço tomou as palavras de Zélia como simpáticas aos seus desejos. Sorrindo, feliz, como nunca estivera, o milionário desejava que aquela noite não tivesse fim. Eram os sonhos da mocidade voltando: o sorriso e a graça de Zélia, seus olhos sinceros, sem receio de olhos nos olhos.

Quando Oliveira lembrou que já era hora de regressarem, a madrugada já estava presente.

- Bem, meu caro Lourenço, do pouco que me adiantastes, já estou mais tranqüilo. Agora, boa noitel Nós o esperamos em nossa casa, quando quiser nos dar a honra de sua presença.
- O honrado sou eu. Se o convite vier de toda a família, será aceito mais rapidamente.

Zélia logo percebeu que Lourenço queria sua confirmação.

- Será bem vindo, Sr. Lourenço. Boa noite, nós o aguardaremos.

Natália foi cumprimentada displicentemente, mas não se importou. Percebeu que a dona das atenções era Zélia

- Boa noite. Vamos papai?

Francisco, naquela manhã de domingo, procurou Lúcio. Estava feliz e contou ao amigo tudo sobre Zélia. Lúcio, ao vè-lo tão eufórico, ficou contente pois sua amizade era sincera.

- Então o poeta foi fisgado?! Que bom, meu amigo! Acabaram-se os dias de solidão!
- Não é bem assim, Lúcio. Tu sabes, ela é filha do Oliveira que, apesar de amigo, não vô com bons olhos nosso meio de vida
- Ora, aos apaixonados, que importa o mundo?! O amor supera qualquer coisa!
- Pode ser, Lúcio, mas hoje o que eu quero é que pintes um retrato de Zélia para mim.
- Com tanto amor eu pintarei, meu amigo, que tu falarás com o retrato e ele te responderá'
- Basta que a pintes como ela é e sua essência dará vida a tua tela
- Estou curioso para conhecer essa moça Francisco, o solitário, o coração que não queria ninguém- essa moça deve ser extraordinária!
- Tu a conhecerás. Senão, como poderias pintá-la? Mas não esqueças que ela já tem a mim no coração.

Brincando, rindo, rindo muito, os dois rapazes, cada um em seu afazer, passaram aquele dia Lourenço, por

sua vez, estava como que em estado de graça. Os sentimentos que pensou nunca dedicar a ninguém, vinham agora em avalanche: todos por Zélia.

Logo às primeiras horas do dia, um mensageiro chegou à porta de Zélia com um maravilhoso ramalhete de flores, acompanhado de um cartão, enviado por Lourenço.

- Para a Senhorita Zélia Oliveira Deve ser entregue pessoalmente.

A empregada que atendeu, subiu para chamar Zélia Ao descer, a moça logo percebeu quem as enviara Zélia amava Francisco, mas as gentilezas de Lourenço a encantavam. Recebeu o ramalhete e gratificou o mensageiro.

I Que gentil, o Sr. Lourenço! Diga-lhe que apreciei muito)

Subia as escadas quando Natáiia despertava Ao ver o presente, não se conteve:

- Nossa, Zélia! Como são lindas) Aposto que foi o Sr. Lourenço quem as enviou.

I Sim, foi presente do Sr. Lourenço Ele é muito gentil.

I Gentil e apaixonado. O velho só tem olhos para til

- Será Natáiia? Acho que não.

I Não vês o brilho nos olhos dele, quando te olha?

- Tu estás imaginando coisas. E, além disso, eu e Francisco...

- O que há entre tu e Francisco? O pobre poeta não te daria um ramalhete desses - não por falta de vontade - mas por falta de dinheiro, mesmo!

- Como estás maldosa! O Francisco não pensa em dinheiro.

- Pois deveria Quem ama tem que pensar no futuro. Não comemos poesia ou tu comes?

- Ainda não pensamos em termos de futuro. Francisco é tão temo, tão meigo... acho que ele ainda não entende as necessidades do mundo.

- Mas o Sr. Lourenço entende. Viste que magnífica mansão?l Que luxo!

- É sim, Natáiia O Sr. Lourenço tem bom gosto. Aprecio o bom tom e todas as qualidades das pessoas finas.

- E Francisco é fino? Só de corpo, coitado. Está tão magro.

- Não sejas cruel, Natáiia!

- Cruel? Eu sou realista. Eu gosto de Francisco, mas ele não é bom para ti.

- E por que não? Só porque ó pobre?

- Pobre e doente. Acho que deverías falar com ele para que fosse a um médico.

- Doente? Natáiia, acho que notei despeito em sua voz. Por acaso gostas ou gostastes de Francisco?

Natáiia enrubeceu. Olhou para a janela, tentando ganhar tempo antes de responder.

- Foi antes de voltares. Mas eu acho que ele nunca soube. Também, vive no mundo da lua!

- Ora, Natáiia, por que não me dissestes antes? Eu compreendería Só não te aceito despeitada. Não és assim e eu te quero muito, minha irmã!

Natália abraçou Zélia, reencontrando nesse abraço a irmã, a amiga

- Eu sei, Zélia, que o amor não se exige, não se impõe: ou somos amados ou não. Não te preocupes, hoje Francisco é apenas um amigo. Zélia, acariciou os cabelos da irmã, como a uma criança que se quer consolar.

- Eu amo Francisco, Natália, e ele me ama. O teu amor chegará. Tu és ainda tão menina! Quando menos esperar, o dono do teu coração baterá à porta.

E assim, por alguns momentos, as duas irmãs trocaram confidências. Se consolaram até que o pai veio-lhes à lembrança

- E papai, Natália? Viste como ele anda abatido?

- Ele pensa que eu não sei, mas os negócios não vão bem, já faz algum tempo. Ouça, acho que ele está chegando.

Zélia entreabriu a porta e viu o rosto envelhecido de Oliveira, um pouco mais tranqüilo, apesar das novas marcas, que lhe causaram os meses de noites mal dormidas.

- Bom dia, meninas! Só se fala em moços? Este velho aqui não lhes merece mais a atenção?

Sorrindo, as duas o abraçaram e, de braços dados, passaram à sala de jantar. Enquanto eram servidos, Oliveira quis saber de Zélia algo sobre a França.

- E então, como são os franceses? Tua tia já esqueceu a língua portuguesa?

Zélia a tudo acrescentava detalhes, trazendo para aquela sala um pouco do que fora sua vida na casa da tia, quando Natália perguntou:

- E então, quando voltas?
- Acho que dentro de um mês, se papai estiver de acordo.
- E por que não estaria? Tu tens que terminar os estudos. Nós estamos muito bem. Não há nada que a impeça, a não ser a saudade que já começamos a sentir.

Zélia beija-lhe o rosto, comovida Queria perguntar- lhe sobre os negócios mas não teve coragem. E assim transcorre a tarde: felizes por estarem juntos e preocupados por não falarem abertamente dos seus problemas.

• • •

Francisco acompanha Zélia, naquela manhã, ao encontro de Lúcio. Iam começar o quadro que deixaria a imagem de Zélia, quando esta partisse.

- Francisco, hoje tu pareces um menino! Não podemos ficar dançando na rua[1] Estamos chamando a atenção de todos!
- é que quando estou contigo, a música flui das flores, do vento, do céu e eu não resisto! Vamos dançar, vamos Zélia?
- Zélia, Zélia! Falas tanto meu nome que todos devem saber quem sou!
- É um nome bonito como o teu tem que ser dito à toda hora É a minha prece de todo momento.
- Tu, falando em prece?! Tu crês em Deus?!
- Claro que sim! Ainda que te pedi a Ele! E estás aqui, não estás?
- Sim, estou, mas logo irei embora. Talvez dentro de um môs.

Francisco olha Zélia sem entender. As palavras da moça o colheram de surpresa

- Vais embora?! Tu vais embora?! E eu?! Como vou ficar sem ti?!
- Ora, não sejas trágico. Será apenas por seis meses; termino o ano e volto correndo.

A alegria do rapaz desapareceu por encanto: calado, só olhava para Zélia

- Diz alguma coisa, Francisco! Eu vou voltar, náo fiques tão triste. Eu te escreverei todos os dias. Seis meses passam depressa
- Se tu fores, não te verei mais, eu sinto isso. Não vás! Nada te obrigues a ir!

I Obrigo, sim. O esforço de meu pai para me proporcionar tanto, o carinho de meus tios e. . . eu quero me formar. Não posso desperdiçar tudo que me foi oferecidol

- Desculpe, eu não tenho direito... eu vou te esperar, mas prometes que não me esquecerás?
- Claro que prometo, eu te amo!

I Então, não falemos mais nisso. Vamos. Lúcio está nos esperando e, mais que nunca, eu quero que ele te pinte; assim, pelo menos no retrato, terei teu sorriso.

Quando chegaram, Lúcio já estava com a tela prepar rada Abraçou o amigo e cumprimentou Zélia com muito carinho.

- Tu és um encanto; não admira que Francisco esteja apaixonado.

Zélia rindo - Vós, artistas, viveis todos da essência do amor!

- Os artistas não, minha amigai Sem amor a vida não é possível.
- Mas só o amor? Não precisamos de casa, comida, dinheiro, para satisfazermos nossos desejos e os de quem amamos?
- Sabe, Zélia, acredito que ames Francisco, vejo isto nos teus olhos; mas Francisco não precisa das coisas da terra - o amor é tudo para ele - e, se o queres, aceita-o assim, sem grandes planos, sem sonhos de riqueza
- Lúcio, eu amo Francisco e não me importo tanto assim com o luxo, mas, se podemos ter, por que

dispensar?

Lúcio ia responder, quando Francisco, que meio distante examinava uma tela, voltou-se e participou da conversa

- Sim, Zélia, por que dispensar? Se podemos ter uma bela casa mesa farta educação, saber portar-se, por que dispensar? Não precisamos dispensar, mas podemos dividir!
- Dividir Francisco? Não entendi tua observação!
- Tu sabes, em nossa querida Garça Branca quantas pessoas não têm o que comer?
- Não sei não! Mas o que posso fazer? Não sou culpada de nada disso! Se outros não comem, devo não comer também?
- Não, Zélia Devemos dar uma parte do que temos. Se nós precisamos do mínimo para viver, por que querer o excesso, que certamente nos fará mal?

Lúcio, que conhecia bem o amigo e sabia de seus conceitos, entrou na conversa, mudando o assunto. Sentia que Zólia era uma boa moça e que o amor deles era sincero; assim, evitaria que se indispusessem.

- A conversa está muito boa, mas devemos aproveitar a luz do sol. Vamos Zélia, sente-se ali; quero ver o melhor ângulo de seu rosto.
- O rosto dela é bonito de qualquer ângulo! - disse Francisco. - Ponha os pincéis para trabalhar e a beleza dela fará o resto!

Zólia sorria - Francisco, pare com issol Quem te ouve falar assim, pensará que sou a primeira mulher que tu conheces!

Lúcio acomodou a tela no cavalete e olhou a moça de todos os ângulos. Por fim, encontrou a melhor posição.

- Ótimo! Fique assim! Francisco, não seria melhor tu dares um passeio? Assim eu podería trabalhar em paz.
- Eu sei que somos amigos e sei que ficando iria atrapalhar. Confio-te, então, meu mais precioso beml

Quando Francisco saiu, Lúcio fez o esboço e começou a misturar as tintas.

- Sabe Zélia, eu quero Francisco como irmão; ele é a família que não tenho; senti seu amor por ele e quero te pedir algo.
- Quanto mistério Lúcio!
- É sobre Francico. Ele não tem se cuidado. Acho que ele deverία procurar um médico. Mas é inútil eu falar; quem sabe tu o convences.
- É grave? Sabe, és a segunda pessoa que me fala sobre issol
- Não sei se ó grave. À noite ele tosse muito e não se alimenta bem. E, se foi Natália quem te falou, ela também tentou levá-lo ao médico, sem sucesso.

Conversaram enquanto Lúcio pintava. Passava para a tela os belos traços de Zélia e, quando Francisco voltou, mudaram a conversa para assuntos alegres.

Francisco estava com o rosto queimado de sol; afinal era uma bela manhã e ele amava o sol, como amava a vida

Enquanto Zélia ia sendo retratada, João e Haroldo observavam.

- Sabe, João, agora que conheço Francisco, eu o entendo melhor não o aprovo, mas entendo.
- É que as marcas do passado ainda doem em seu Intimo; o rapaz não compreende as leis de Deus, mas as sente. Pouco a pouco, vida após vida, ele aprenderá e um dia será um servidor como nós.
- Quer dizer que não será desta vez?
- Não, ainda não. Zélia tem algo a fazer e, como eu já disse, se ficar com Francisco, não o fará.
- São débitos a resgatar ou missão?
- Os dois, meu amigo. Lourenço é credor de Zélia e breve ele cobrará seu capital moral.
- E Francisco? O que acontecerá com ele?
- Aprenderá com a dor. Mas o amor lhe dará forças e nós o ajudaremos. Eu sei que breve, muito breve, ele precisará de nós.

À noite, Lourenço chegou em frente à casa de Oliveira; parou o carro e demorou alguns minutos para

descer queria controlar a ansiedade. Finalmente bateu à porta e a empregada veio abrir; já estava senhor de si.

- Boa noite. Por favor, anunde-me ao Sr. Oliveira - disse à serviçal.

Oliveira estranhou a visita sem aviso, mas, como estavam em negócios, veio prontamente.

- Que prazer, Lourenço! Aconteceu algo?
- Não Oliveira não te preocupes. Eu queria falar contigo, É assunto particular, nada de negócios.
- Pois então vamos conversar; de qualquer modo, é um prazer recebê-lo em casa!
- Obrigado Oliveira Como estão tuas filhas?
- Bem, muito bem. Sente-se. Vou pedir café, ou preferes vinho?
- Café está bem. Olhe, tu sabes que eu sou solteiro, sou muito só; apesar de ter tantos empregados, família eu não tenho.
- Eu sempre quis saber porque não te casastes, mas certas coisas são difíceis de se perguntar.
- Isso não vem ao caso. A verdade é que não encontrei a mulher certa aquela que falasse ao meu coração.
- E agora Lourenço? Por acaso alguém falou ao teu coração?
- Oliveira, tu és um velho amigo; por isso vou falar sem rodeios: estou amando tua filha Zélia.

Oliveira que no jantar havia notado as atenções de Lourenço para com Zélia sorriu pensando: "Por que não Lourenço? Não é tão velho, é rico e pode dar tudo a Zélia". Mas, quando falou, dissimulou os pensamentos.

- Ora Lourenço, Zélia é muito jovem para ti; ela tem a metade da tua idade ou menos!
- Eu sei Oliveira por isso vim falar antes contigo. Se minha idade não for impecilho, eu quero tua autorização para fazer corte a Zélia - A idade não é nada; afinal, és saudável. E Zélia? Pretente falar logo com ela?
- Sim, mas eu queria saber de ti, se ela tem algum namorado aqui ou na França
- Na França eu não sei. Aqui, acho que não. Faz tão pouco tempo que ela voltou. Acho que não houve tempo para isso.
- Fico mais tranqüilo. Então, se tu permitires, a convidarei para irmos ao teatro e então falarei com ela
- Confio em ti Lourenço. Se Zélia aceitar, sei que será bom para ela
- Melhor do que pensas. Farei tudo por ela.
- Sei que farás, agora, antes de fazer planos, é bom saber o que ela pensa a respeito.
- Sim, falarei com ela e depois voltarei a falar contigo.

Falaram sobre assuntos comerciais, planos para a reforma do Hotel Paris, custos, plantas, enfim, de projetos futuros, até que Lourenço se despediu e voltou para sua casa, mais calmo, já que o amigo não era contra os seus sonhos.

• • •

Amanhecia e Francisco esperava o sol, quando Zélia chegou. Trazia três cravos na mão. Ele contemplava a manhã que nascia' seu olhar fixo na claridade que, como a vida e o amor, principiaram na luz. Não tinha visto Zélia ainda mas sentiu que ela se aproximava e a saudou com o poema que também nascera naquele minuto.

Flor das manhãs de luz,
Breve irás embora E as longas noites voltarão;
Meus olhos tentarão te encontrar,
Mas será tão densa a escurdião,
Que só farão chorar!
Sol de minha vida Não me deixes;
Sem ti eu não existo;
Como o próprio Cristo Não existe sem Deusl
Quem sou eu,
Senão pedaço de ti?
Eu palpito no teu coração E, quando não estiveres aqui,
Quedarei ao chão E murcharei como os cravos Longe do caule!

Como poderei olhar o céu E ouvir os sons,
Se tudo será silêncio?
Se a noite será eterna?
E eu, vazio de sentimentos,
Pois tudo que sou Tu levarás
E meu corpo sucumbirál
Onde estarás quando eu te chamar?
Sem teu calor, O inverno invadirá minh'alma
E eu não resistirei!
Ainda estou aqui...
Tu estás aí...
Não me deixes!
Eu'quero estar sempre em ti Como tu estás em mim!

- Que bonito, Francisco! Mas quanta tristeza! Eu ainda não fui embora.
- Não falemos nisso agora. Deixa-me te olhar. Eu quero guardar a mais bela imagem tua Agora, que o sol faz brilhar teus cabelos e tua face; como o próprio sol ajuda a expulsar as sombras!
- Eu quero falar. Não fiques triste. Eu volto. Eu volto para ti!
- Eu sinto que não será assim. Mas não importa o que tenho, te dou; é somente amor!
- Olha, Francisco - Zélia emocionada com a tristeza de Francisco já tinha lágrimas no rosto. - Não fiques assim, eu voito!
- Estás ouvindo?! Os pássaros estão cantando para nós! Vamos dançar; hoje Deus é o regente!

Zélia põe sua mão sobre a dele e ensaia alguns passos; depois não resiste e o abraça fortemente e já não controla mais o pranto.

- Não chores, Zélia Eu só queria que tu não fosses embora Mas sei que irás. Não me esqueças, eu tentarei estar sempre contigo.
- Eu vou voltar. Eu juro que volto.
- Não fales assim, Zélia! Olhe, os cravos estão molhados! Será que choram também?

Com o rosto molhado, Zélia deu um meio sorriso, como lhe era peculiar.

- Tu vês poesia em tudo! Onde se viu flor chorar?)
- É que sentem o que eu sinto. Quando tu não estiveres mais aqui, nós vamos murchar juntos!
- Mas antes de eu ir, quero que vás a um médico; sei que não estás muito bem.
- Eu estou ótimo e não poderia ir a médico nenhum, pois, para saudade, não existe remédio!
- Não sofras antes da hora e não me faça sofrer também. Vamos passear. Dá-me tua mão.

De mãos dadas caminharam ao encontro do dia que chegava Zélia não queria ir embora queria eternizar aquele dia mas a vida tem compromissos e sempre somos cobrados.

Quando Lourenço a convidou para o teatro, naquela tarde, pensou em recusar mas gostava de teatro e Lourenço, tão gentil, a demoveu de recusa. Assim, quando ele veio buscá-la à noite, Natália não teve dúvidas: ia ser naquela noite a declaração de amor de Lourenço - tão eufórico, tão feliz ele estava

- Zélia Natália boa noite! Estão lindas!
- Boa noite, Sr. Lourenço! - disse Natália - Elegante e gentil, como sempre, não é Zélia?
- É sim, Natália Boa noite, Lourenço!

Lourenço ficou agrada \elmente surpreso quando Zé- lía tirou o "sr", o que tomou mais íntima sua saudação.

Durante o trajeto para o teatro, Lourenço ia feliz com a oportunidade de aproximação com Zélia. Natália observava divertida os galanteios, mas, quando falou, foi para espicaçar Zélia.

- Zélia, como vai Francisco?
- Muito bem; pelo menos, quando o deixei, assim me pareceu.
- E o problema de saúde? Tu o convencestes a ir a um médico?

- Não. Eu não acho que esteja tão mal como tu e Lúcio dissestes.

Lourenço ouvia sem interferir. Natália, querendo que Zélia faiasse de Francisco para tirar as ilusões de Lourenço, continuou.

- E quando vais encontrá-lo novamente?
- Não sei. Talvez amanhã à noite.

Lourenço começou a sentir que tinha um rival e que Natália o alertava, mas, experiente, não deixou transparecer. Quando falou, não deixou que notassem sua contrariedade.

- Bem, chegamos senhoritas. Está um bela noite e eu estou acompanhado das mais belas moças da cidade! Então tudo está bem!

Adentraram o teatro e se acomodaram no camarote que já estava reservado. Zélia, que já estava habituada, ficou à vontade. Natália quis dar oportunidade de falarem à sós.

- Bem, vou falar com uma amiga Deixo-os por alguns minutos.
- Ora, Natáiia depois tu falas com ela Acabamos de nos sentar.
- É que tenho algo urgente a dizer. Por favor desculpem-me.

Lourenço, que estivera calado, logo se tomou falador. Fazia Zélia rir e tomava sua companhia agradável.

Lourenço refreou seu desejo de falar de amor. Sentiu que precisava ser querido **a** Zélia e, por ora, estava conseguindo. Não tocou no nome de Francisco, que conhecia de vista. Apenas tentou ser a melhor companhia para Zélia: culto e inteligente, não foi difícil.

- Lourenço 1 disse Zélia - tu és extraordinário! Já faz algum tempo que não me divirto tanto!
- É a tua companhia que faz com que eu seja melhor do que na realidade soa
- Papai sempre fala de ti. Eu quisera tê-lo conhecido antes.

Esta frase fez bem a Lourenço, pois seu objetivo estava sendo alcançado Quando começou o primeiro ato, Natáiia retornou. Não era má - a irmã de Zélia - mas, se Zélia se interessasse por Lourenço, Francisco ficaria livre e todos que, por ventura, se interessam por alguém, são um pouco egoístas. Não pensava que Francisco amava sua irmã ou que era amado por ela

- Cheguei a tempo! Desculpem a demora
- Não te importes, Natáiia Lourenço não me fez sentir o tempo passar.
- Zólia é ótima companhia; eu fui o contemplado!

E foi entre gentilezas que a noite transcorreu. Quando as cortinas se fecharam e os atores agradeceram, viram, com pesar, que era hora e retomar. No caminho, Lou- renço parou o carro frente a uma floricultura e trouxe, para Zélia as mais belas rosas que encontrou.

— Espero que gostes.
— São lindas! Obrigada, Lourenço!

Natália não deixou de observar.

— Tudo bem, só por um detalhe: as flores preferidas de Zélia são os cravos vermelhos.
— Ora, Natália, as rosas são lindas! Haverá o dia dos cravos; hoje é dia das rosas!
- Não sabia da tua preferência; de qualquer modo, flores em tuas mãos, são sempre as mais belas!
- Que gentil! Natália, não conheço ninguém tão encantador quanto Lourenço!
- Nem Francisco?

Zélia enrubesceu; não pensava em Francisco há horas. O contraste da vida humilde do rapaz e da que Lourenço mostrava a havia feito esquecer, por momentos, aquele que acreditava amar. Tudo de bom que a vida oferece e o que na realidade podemos ter choca nossos sentimentos.

Zélia sempre tivera boa mesa, estudos, roupas de acordo com a moda, viagens à Europa, modos requintados. Francisco era o oposto: pobre, simples nos modos à mesa' gentil sim, mas pobre e sem nada a não ser sua alma poética e talvez doente.

Quando entraram em casa, Zélia quis saber de Na- tália por que as contínuas tentativas de. trazer Francisco para os assuntos da noite.

- é porque tu estavas tão envolvida por Lourenço, que temi esquecesses teu grande amor!

- Não esqueci. E, por favor, Natália, não falemos mais nisso.

Naquela manhã o sol não veio. A chuva fina fazia sentir nos ossos o frio da montanha envolta em densa neblina. Francisco não se levantara Sentia dores e alguns acessos de tosse, quando bateram à porta Gritou do leito, com voz cansada

- Entre, a porta está aberta

Era Marta a boa amiga das horas difíceis; aquela cujo amor era de renúncia de dedicação. Francisco a queria bem, mas Zélia era o amor do começo da vida e, segundo ele, o amor etemo.

- Marta que bom te ver! O que te traz aqui?
- Há dias que não te vejo. Hoje encontrei Lúcio e ele me disse que não estavas bem.
- O Lúcio é exagerado. Eu estou apenas resfriado. Nada que um vinho quente não resolva
- Deixa-me ver se tens febre, tua aparência é horrível.

Tocou a testa de Francisco com a mão, mais em carícia do que em teste. Mas quando sentiu a febre, preocupou-se realmente.

- Nossa! Como estás quente! Vou chamar um médico.
- Não precisa Como eu pagaria um médico?
- Vou chamar aquele teu amigo, o doutor Mendonça; quero saber o que tu tens e não te preocupes: eu pago o médico.
- Minha boa Marta, não desperdices teu dinheiro; estou apenas resfriado. Olhe, traga-me um infusão de ervas; a dona Luiza às vezes, me prepara alguma peça a ela
- Vou descer e volto logo. Peço à dona Luiza mas vou chamar o médico também.
- Já te disse; não é preciso...

Um acesso de tosse o impediu de continuar. Marta saiu e meia hora depois trazia o doutor.

- Então, Francisco? Já tomou a chá?
- Dona Luiza é muito bondosa É o meu segundo anjo da guarda; o primeiro és tu.
- Deixes de tolice. Anjo da guarda não existe. Eu sou apenas tua amiga O doutor vai te examinar agora
- Francisco, por que não me procurastes antes? Marta disse que já faz alguns meses que vens enfraquecendo. - disse o médico.
- Não, doutor. Eu estou apenas resfriado; o pessoal exagera
- Veremos. O doutor aqui sou eu. Eu é que direi se é apenas um resfriado.

Auscultou os pulmões, mediu a temperatura olhou os olhos do moço, fez perguntas. Anotou tudo. Então, pediu à Marta que buscasse alguns remédios na farmácia próxima Quando ela voltou, injetou no rapaz duas ampolas de cores amarela e verde e instruiu quanto ao horário dos comprimidoa Quando ia se retirar, Marta o interpelou.

- E então doutor? O que o nosso amigo tem?
- Desça comigo. E tu, Francisco, agora dormirá. Os remédios logo te colocarão de pé.
- Obrigado doutor. Agora tu és o meu terceiro anjo da guarda.

Na porta da rua o médico falou de sua preocupação.

- Eu preciso fazer exames mais detalhados; mas os sintomas são alarmantes.
- O que ele tem doutor? Não me esconda, por favor!
- Não posso afirmar ainda, mas os sintomas são de tuberculose.
- Tuberculose?! O meu Francisco com tuberculose?! Tens certeza?
- Como já disse, tenho que fazer mais exames; mas já cuidei de tantos casos assim, que não devo estar enganado.
- Meu Deus! Não! O Francisco não!
- Por que não? Ele é humano como nós.
- É que...
- Eu sei; quem amamos não deveria ficar doente, não é? Mas somos todos de carne e osso e, quando descuidamos, ficamos doentes. Agora temos é que cuidar dele.

- O que faremos, doutor? Se os outros souberem vão querer intemá-lo!
- E não seria melhor? Lá, num sanatório, teria os melhores cuidados.
- Seria como prendê-lo e, sem liberdade, ele morreria mais depressa
- Quem falou em morrer?! Ainda tenho exames a fazer e, mesmo confirmada a doença, ele pode ser tratado.
- Com ele não. Ele não é como os outros.
- Qual a diferença? Não vi nada de estranho nele.
- Ele é tão frágil de sentimentos que, se soubesse da doença ou da internação, isso só abreviaria o seu amanhã.
- Não sejas trágica, Marta! Amaríhã eu voltarei. Já colhi material para os exames preliminares. Medicado ele já está; agora cuide de alimentá-lo bem. Até amanhã!

Nesse ínterim Zélia e Natália conversam com Oliveira: o pai interroga a filha

- Zélia, o Lourenço está interessado em ti. Ele te disse algo?
- Não, papai. O sr. está enganado; ele é apenas um bom amigo!
- Todos já notaram Zélia - disse a irmã. - O homem está apaixonado!
- Eu não notei nada Ele também nada disse. A propósito, que negócios o sr. tem com ele papai?

Oliveira não esperava a pergunta Titubeou antes de responder.

- Bem, é que os negócios... o hotel... uma temporada fraca.. eu precisei de um pequeno empréstimo.
- Empréstimo?! Papai, estamos mal de negócios?! Por favor, faie com franqueza[1]
- A verdade, minhas filhas, é que estamos hipotecados corji o banco local; o prazo estava vencendo e eu não tinha como pagar.
- E o que aconteceu? Por acaso foi Lourenço quem resolveu a situação?
- Sim, Zélia E eu acho que foi mais por tua causa que por nossa amizade.
- Ora papai. Acho que o sr. está exagerando; o Hotel Paris rende bem e ele não perderia dinheiro.
- Rendia, minha filha Desde que o novo hotel foi inaugurado... o nosso hotel precisa de reformas para ser rentável novamente.
- Quer dizer que não poderemos pagar o sr. Lourenço se não tivermos dinheiro para as reformas?
- Sim, Zélia Ele não disse nada mas estamos nas mãos dele.
- Que tristeza papai! O hotel que o sr. lutou tanto para erguer e agora estamos assim?!
- É, Zélia Desde que tu fostes para a França eu tenho lutado para ficarmos ativos; mas a situação foi piorando e, quando recorri ao banco, pensei que pudesse resolver tudo... mas não consegui.
- E agora? - perguntou Zélia - Eu não voltarei à França Se perdermos tudo, o hotel, nós trabalharemos, recomeçaremos tudo, juntos, não é papai?
- Claro minha filha Não poderias dar-me melhor resposta
- Como se fosse fácil. - interveio Natália - Não seria melhor Zélia casar-se com Lourenço? Assim ficaria tudo resolvida

Qiveira que não desprezava a idéia mas não ousaria expô-la, ficou atento à resposta da filha

— Jamais me casaria por dinheiro; além do mais eu já amo outra pessoa!

Oliveira, que sequer imaginava que Zélia conhecesse algum rapaz, ficou chocado.

— Ama alguém?! Quem?! E desde quando?!

— Não importa nada disso. O que eu não quero ó misturar os negócios da família com os meus sentimentos.

— Que exagero, Zélia! — interveio Natália — O Francisco não representa nada, não tem nada eosr. Lourenço pode te dar tudo!

— Então é o Francisco?! Aquele vagabundo metido a poeta?!

— Não fales assim dele. — respondeu Zélia. — Ele é um grande ser humano. É tão bom e gentil... e tu Natália, falas assim por despeito. Eu sei que tu o querias e ainda o queres, não é?

— Não quero! — gritou Natália — Não quero! Só quero que tu entendas que se o Sr. Lourenço se

aborrecer, nós vamos ficar sem nada*

— Calma minhas filhas! A situação não é tão grave assim. Eu e o Lourenço seremos sócios. Vamos fazer o Hotel Paris dar lucro e tudo vai ficar bem. Só não sabia que Zélia estava de namoro com Francisco. Eu o conheço há anos; não quis ofendé-lo Zélia Mas ele realmente não tem nada'

— E o Lourenço tem tudo, não ó? Tem, inclusive, o dobro da minha idade! Ou não notaram?

— Ninguém está te mandando casar com ele. Eu só pensei que assim ficaria tudo resolvido. Então, fica o dito pek> não dito. Está bem?

Natália que esperava que a irmã pesasse os prós e os contras, ficou decepcionada Sabia que Zélia gostava de luxo, de frequentar locais requintados e, com Francisco, não teria nada disso. Mas, diante do ardor da irmã, perdeu as esperanças.

- Ora, Zélia não te aborreças. Eu e papai pedimos desculpas pelo que dissemoa
- Esqueçam. Além do mais, Lourenço não me disse nada Por que discutirmos?
- Tem razão, filha - disse Oliveira 1 Vamos mudar de assunto.

Anoitecia Francisco, com ligeira melhora da febre, olhava pela janela o céu tingido em cores de adeus. Enquanto a noite vinha Zélia estava ali, sempe presente nos seus pensamentos. Alguém bate à porta.

- Entre. Está aberta

Um homem jovem, de porte bonito, cabelos escuros, bigode, olhos claros, que inspiravam confiança, entrou naquele momento. Francisco tentou lembrar de onde o conhecia, mas não conseguiu A presença do estranho lhe inspirava tranquilidade.

- Boa noite, Francisco! Vejo que estás melhorandol
- Sim, melhorei um pouco. Quem és tú?
- Sou teu amigo. Acho que já faz algum tempo que não nos vemos.
- E a que razão devo tua visita?
- Foi bom ter encontrado Zélia, não foi?
- Sim. Mas tu a conheces também?
- Conheço a ambos. Mas isso não importa. Tu sabes que Zélia terá que partir dentro de alguns dias, não sabe?
- Sei. Estou tentando demovê-la, mas creio que será inútil.
- Será inútil, sim. Ela tem algo a fazer e ficando aqui • tu a impedirás.
- O que ela tem que fazer? Por que não pode fazer aqui e por que eu a impediria? Eu a amo tantol
- Calma, Francisco. O teu amor ó egoísta Não vivemos apenas para nós. Quando decidimos vir ao mundo ó porque prometemos trabalhar pelo progresso, pelo amor e pelo perdão.
- Vir ao mundo?! Progresso?! Do que estás falando?!
- Eu falo das leis de Deus. Tu, poeta, fotógrafo dos sentimentos, tinha que mostrar o belo da criação, o sublime do amor em Jesus. No entanto, ficou vendendo poesias para os cabarés. Retratou nos versos só o amor carnal e, o que de bom tu tinhas a transmitir, ainda está guardado. Tu não és mau, eu sei. Sei de todos que tu amparastes, mas Deus esperava que tu plantasses no coração dos homens a fé, a confiança em Deus . .. e tuas canções falam de que? Só do oposto. Só das ilusões da terra Meu irmão, que fizestes do talento que Deus te deu?
- Ora, quem és tu para me julgar? Eu tenho que comer, não tenho? Eu faço o que me pagam para fazer.
- Podias ter dado uma parte do teu tempo para Deus. Quantas irmãs perdidas foram ao teu encontro? Quantos irmãos ébrios da bebida e dos vícios tu poderías ter alertado? E, no entanto, só houve incentivo de tua parte. Tu és um grande devedor.
- Eu? Eu devo a quem? Eu dei tudo que ganhei! Até mais do que podia dar.
- Eu sei de tudo. Mas quando tu dava, parte dos teus ganhos, foi para os ébrios continuarem no vfcio; deu dinheiro sem orientar aquelas irmãs, para que mudassem de vida Tu não administrastes nada só esbanjastes o material e o moral com o que tanto poderías ter feito.
- De um certo modo, tu tens razão: quando eu ficar bom dessa gripe, vou pensar melhor antes de fazer

as coisas.

- Não há muito tempo, meu amigo. Nem o doutor sabe a gravidade do teu estado. Eu vim para te preparar porque te amo, meu irmão. Faça uma prece e prepara-te; logo partiremos. Eu voltarei breve.
- Partiremos para onde? Quem és tu afinal?!
- Logo saberás. Peça a Deus por tua Zélia
- Que conversa maluca! Quem és tu? Qual o teu nome?
- Eu sou o teu velho amigo, o João, lembra-te agora?

Depois desse diálogo, Francisco sentiu-se fraco, a frebre subiu e quando Maria chegou, ele delirava.

- Francisco! Oh, meu Deus! Eu preciso avisar o Lúcio!

Nessa noite Zélia, com o pai e a irmã, jantava em casa de Lourenço. A moça não fazia idéia de que, nesse momento, em que ria com os gracejos de Lourenço, Francisco agonizava, chamando-a com os olhos no retrato que Lúcio trouxera, por lembrança de Marta. Tantaram avisá-la, mas o emissário recebeu, dos empregados, a notícia de que a família havia saído e que não sabiam quando voltaria

João e Haroldo, com passes, aliviavam as dores do desencarne de Francisco e estavam prontos para amparálo no minuto final. Marta limpava a boca do rapaz. Os outros aos poucos iam se retirando: os vícios os chamavam; as mulheres e o vinho os aguardavam. Só Marta e Lúcio ficaram. De repente a moça gritou:

- Francisco! Francisco! Não morras, Francisco! Não te vásl

E caiu em pratos sobre um corpo sem vida Lúcio acorreu, mas nada podia ser feito. João e Haroldo, amparando o rapaz, já se afastavam do quarto.

No outro dia, Zélia levantou tarde. Pensava em Francisco. Sentiu saudades; pensou em ir vê-lo à noite, mas Oliveira, que soube da notícia primeiro, pensava num mo- modo de escondê-la da filha Insistira naquele jantar, com esperança que a filha mudasse de idéia com relação a Lounenço: sua situação financeira não era segredo para ninguém. Garça Branca era pequena e sabia que Zélia o culparia por tê-la afastado do rapaz, justamente naquela noite. Procurou Lourenço e, então, contou-lhe o problema. Pediu ajuda a este, sabendo do temperamento de Zélia, decidiu agir com tato.

- Só se eu a levasse para a cidade vizinha. Convidá- la-ia para conhecer minha irmã; sob pretexto de uma doença talvez.
- Isso, Lourenço. Leve Natália junto; assim Zélia irá.

De comum acordo, os dois convenceram Zélia a ir. Mas eia os fez prometer que voltariam ao entardecer. Tinha planos para encontrar Francisco, pois há dias não o via Assim, com Natália junto, iniciaram a viagem. Zélia fazia perguntas sobre a doença repentina e sobre a tal irmã, de quem ainda não ouvira falar.

- E tua irmã, por acaso é mais jovem, Lourenço?
- Sim. É minha única irmã. Ela casou e veio para esta cidade há mais de quinze anos.
- E faz tempo que não a vôs? Que doença é essa?
- Faz quase um ano que não a vejo. Não sei qual o seu mal; mas deve ser grave para me chamar com urgência

Natália ia calada Estranhou a insistência do pai, para que fizesse companhia a Zélia pensava em Francisco, que teimava em ficar em seu coração, e em Zélia que o tinha por amor e era amada por ele. O motorista instruído por Lourenço, parou o carro e desceu, abrindo a tampa do motor.

- Que foi, Antonio?
- Não sei patrão. Acho que foi a bobina que esquentou demais.
- Ora Antonio, não Fizestes a revisão costumeira?
- Fiz, patrão. E tudo estava bem; isso acontece sem a gente esperar.

Zélia intercedeu para que Lourenço não fosse rude com o empregado, sem saber que fazia o jogo dele.

- Não te aborreças, Lourenço. O Antonio dará um jeito e logo seguiremos viagem.
- É que te prometi voltarmos logo e quero ver minha irmã.

Antonio mexia no motor aparentando estar atarefado e, vez em quando, olhava para Lourenço, esperando um léve sinal. Hora e meia depois um leve aceno do patrão e Antonio ligou o carro.

- Não falei, Lourenço! Tudo está bem agora. Acho que dará tempo de voltarmos hoje.
- É, mas se não andarmos depressa, não poderemos ver minha irmã.
- Por quê? Está em algum hospital?
- Sim. E não sei o horário de visitas. Se não der tempo, teremos que nos hospedar no hotel da cidade; e tu querias tanto voltar hoje!
- Não tem importância Se não tem jeito, que adianta lamentar?
- Tu és muito generosa vindo comigo e ainda aceitando estes contratempos sem reclamar.
- E que a pessoa que eu queria ver hoje, verei amanhã. Apenas sentirei mais saudades.

Natália, finalmente, resolveu participar da conversa

- Sim, Zélia só aumentará a saudade. Que poético!

Ao chegarem à cidade já era noite. Lourenço procurou o hotel e acomodou a todos. Depois saiu, dizendo que ia saber da possibilidade da visita nesta mesma noite. Depois de decorrida quase uma hora voltou ao hotel. Disse que não poderiam ver sua irmã naquela noite. Convidou Zélia e Natália para jantar. Natália disse que estava cansada e não desceria. Zélia aceitou. Apesar de só pensar em Francisco, não via motivos para sentir saudades e fome ao mesmo tempo.

De comum acordo, os dois convenceram Zélia a ir. Mas ela os fez prometer que voltariam ao entardecer. Tinha planos para encontrar Francisco, pois há dias não o via. Assim, com Natália junto, iniciaram a viagem. Zélia fazia perguntas sobre a doença repentina e sobre a tal irmã, de quem ainda não ouvira falar.

- E tua irmã, por acaso é mais jovem, Lourenço?
- Sim. É minha única irmã. Ela casou e veio para esta cidade há mais de quinze anos.
- E faz tempo que não a vês? Que doença é essa?
- Faz quase um ano que não a vejo. Não sei qual o seu mal; mas deve ser grave para me chamar com urgência

Natália ia caiada Estranhou a insistência do pai, para que fizesse companhia a Zélia pensava em Francisco, que teimava em ficar em seu coração, e em Zélia que o tinha por amor e era amada por ele. O motorista instruído por Lourenço, parou o carro e desceu, abrindo a tampa do motor.

- Que foi, Antonio?
- Não sei patrão. Acho que foi a bobina que esquentou demais.
- Ora Antonio, não fizestes a revisão costumeira?
- Fiz, patrão. E tudo estava bem; isso acontece sem a gente esperar.

Zélia intercedeu para que Lourenço não fosse rude com o empregado, sem saber que fazia o jogo dele.

- Não te aborreças, Lourenço. O Antonio dará um jeito e logo seguiremos viagem.
- É que te prometi voltarmos logo e quero ver minha irmã.

Antonio mexia no motor aparentando estar atarefado e, **vez** em quando, olhava para Lourenço, esperando um **léve** sinal. Hora e meia depois um leve aceno do patrão e Antonio ligou o cano.

— Não falei, Lourenço! Tudo está bem agora Acho que dará tempo de voltarmos hoje.
— É, mas se não andarmos depressa não poderemos ver minha irmã.
— Por quê? Está em algum hospital?
— Sim. E não sei o horário de visitas. Se não der tempo, teremos que nos hospedar no hotel da cidade; e tu querias tanto voltar hoje!
— Não tem importância Se não tem jeito, que adianta lamentar?
— Tu és muito generosa vindo comigo e ainda aceitando estes contratempos sem reclamar.
— É que a pessoa que eu queria ver hoje, verei amanhã. Apenas sentirei mais saudades.

Natália finalmente, resolveu participar da conversa

— Sim, Zélia ***só*** aumentará a saudade. Que poético!

Ao chegarem à cidade já era noite. Lourenço procurou o hotel e acomodou a todos. Depois saiu, dizendo que ia saber da possibilidade da visita nesta mesma noite. Depois de decorrida quase uma hora voltou ao hotel. Disse que não poderiam ver sua irmã naquela noite. Convidou Zélia e Natália para jantar. Natália disse

que estava cansada e não desceria Zélia aceitou. Apesar de só pensar em Francisco, não via motivos para sentir saudades e fome ao mesmo tempo.

No outro dia, quando Zélia despertou e se viu sozinha e nua num quarto estranho, começou a recordar tudo: as frases sobre a morte de Francisco e o que Lourenço lhe fizera.. foi demais.

Presa de uma crise nervosa, começou a gritar. Natâ- lia, que ia bater à porta, para perguntar a Lourenço onde estava Zélia, espantou-se.

- Meu Deus! O que é isso?! O que aconteceu?!

Reconhecendo a voz a irmã, chamou um empregado
do hotel, que envolveu Zélia num lençol, dizendo para Na- tália que a levaria ao hospital. Sem entender bem, Natália concordou.

Lourenço, que saíra de madrugada, vagava pelas ruas. Agora, consciente do ato nefando, não acreditava ser ele o homem de horas atrás. No hospital, sob sedativos, Zélia tinha pesadelos: via-se ao lado de Francisco, o abraçava, mas vultos negros a puxavam, gargalhando, desprendendo-a do homem amado. Sua irmã aguarda ansiosa que voltasse a si. Um médico a interrogava

- A senhorita é irmã da paciente?
- Sim, doutor. Como ela está? O que houve com ela?
- Pelo que constatei, sei apenas que foi violentada e está em estado de choque.
- Quem fez isso, doutor? Que monstro faria isso?l Oh, meu Deus?! - e desatou a chorar.

1 Calma, senhorita Por acaso já avisou a polícia?

- Não. Não somos daqui. Viemos com um amigo visitar uma doente e ele desapareceu. Até agora não consegui encontrá-lo.

— O dever do hospital ó chamar a policia. Quer que avisemos algum parente?

Enquanto Natália dava os detalhes para avisar Oliveira; Lourenço. mais lúcido, não conseguia crer que fora ele quem fizera tudo aquilo. De repente, lhe veio à mente uma idéia, que pareceu a melhor solução. Localizou seu motorista e, sem que os vissem, voltaram para Garça Branca. No caminho o empregado, acostumado a obedecer, respeitava o silêncio do patrão, embora estranhasse a ausência das moças. Quando chegaram à casa do milionário, este pediu que não o incomodassem e se trancou no escritório. Escreveu várias cartas freneticamente a seus advogados e depois, uma última endereçada a Zélia:

Garça Branca, 3 de outubro de 1902

Infortunada Zélia

Não mereci a graça de pôr os olhos em ti. Eu sonhei, desejei e tu, talvez sem maldade, me destes esperança e me feristes muito, quando-a desfizestes. Louco eu fiquei! Louco! Perdão! Perdão para mim, infeliz criatura que desceu tanto e tanto mal te causou! O que tenho, deixo para ti; meus advogados já estão instruídos. Se for possível, apague a lembrança que deixei.

Perdão, pelo Deus que tu acreditas!

Lourenço

A casa vazia abafou o estampido do tiro e só no outro dia o encontraram morto; tão só como são os infelizes que não têm fé.

Oliveira, chocado, teve um enfarte que, por pouco, não o leva para a vida espiritual antes de cumprir seus desígnios.

Natália assumiu a direção do Hotel Paris. Sem dívidas, começou a fazer reformas, tomando o hotel rentável novamente. Três anos de sofrimento para Zólia que não conseguia lembrar de Francisco sem entrar em crise de choro; embora tendo a assistência de João e Haroldo, seu espírito tão sofrido não reagia.

— João, meu amigo, por que tanto sofrer?

— São os homens que criam seus sofrimentos, Haroldo.

— Por quê? O que Zélia fez para merecer isso?

— Hoje, nada. Ontem ela trouxe o desespero a Lou- renço, como esposa que não retribuiu o amor

do marido. Ele, cheio de paixão, a matou. Voltaram para nova tentativa. Ele, ainda assediado por lembranças e inimigos antigos, caiu novamente, pior ainda que antes.

— Mas Zélia não amava Francisco?

— Sim, Haroldo, mas quem ama, às vezes, contrai débitos com terceiros e — tu sabes — todos temos que pagar.

— Ela era leviana, então?

— Não tanto. Apenas não desprendida dos gozos materiais, do luxo, bela casa e tudo o que a vida terrena tem de ilusório, a atraía muito.

- E Francisco? Onde estava durante esta encarnação?
- Como viste, ele não foi responsável pela queda dela; mas não a amparou. Quando Zólia foi casada com Lourenço, Francisco apareceu em sua vida, por pouco tempo, mas esse pouco tempo foi o suficiente para caírem. O amor não morre; apenas adormece e, quando despertado de sobressalto, vem com força total: sem equilíbrio, sem raciocino; só faz mal.
- E agora? O que acontecerá com Zélia?
- Nós a ajudaremos, como sempre, e ela vai recupe- rar-se e fará o que puder para não perder a nova oportunidade.
- Como, João? A pobre irmã não tem ainda o equilíbrio da mente. As lembranças de Francisco e as visitas ao túmulo não a estão ajudando.
- Ajudarão. Francisco vai ajudar e muito. Eu o vi há pouco; está bem melhor. Os irmãos da Casa de Lázaro o ajudaram muito na doença e no esclarecimento.
- Olhe, João! Francisco está perto de Zélia!
- Eu sei. Foi permitida a primeira visita hoje. Vamos observá-lo; ele não nos vê.

Zélia estava no jardim, recebendo as primeiras luzes da manhã. Tinha nas mãos um cravo vermelho. O orvalho umedecia suas mãos. Lembrava das mãos de Francisco. E ele, chamado por seu pensamento, pelo sentimento que agora, guiado por Jesus, chegava às raias do sublime. De repente Zélia o sentiu. Seus olhos encheram-se de lágrimas e ela falou em voz alta:

- És tu, meu amor?! Tu voltastes para mim?!

Comovido o moço respondeu:

- Sim, querida! Como podería eu ficar distante de ti?!
- Por que fo6tes embora? Por que me deixastes?
- Assim teve que ser. Não conquistei o direito de fi- car, mas, agora, estarei sempre perto de ti.
- Leva-me contigo! Não quero ficar aqui sozinha!
- Tu nunca mais estarás sozinha; faremos tudo para merecermos estar juntos!
- Como? O que podemos fazer?
- Primeiro tu tens que reagir, a tua saúde ainda está abalada Depois, começaremos um trabalho pelos quô sofrem e, quanto mais fizermos, mais tempo estaremos juntos. Agora eu preciso ir.
- Não vás! Eu preciso de ti!
- Eu também preciso; estarei aqui, sempre perto de ti!

Zélia acariciava a flor e repentina paz invadiu seu coração. Naquela tarde Natália a ouviu cantarolar e sorriu aliviada sua irmã estava voltando à vida!

Todos os dias Francisco vinha ao amanhecer e ela melhorava. Certo dia, ele pediu que ela pegasse papel e lápis. Ela obedeceu e, pondo o papel sobre a mesa, estendeu o lápis a Francisco. Ele sorriu e disse que não poderia segurá-lo; que seria ela sua mão na terra. Zélia sentou-se. Ele aproximou-se e fundiu sua mão com a dela e as primeiras palavras começaram a surgir "Somos os pequeninos de Jesus. Aqueles que o mestre quer junto de si, **para nos impregnar** de amor e luz. Quer que cresçamos na **bondade** e no perdão. Com **a** luz seremos a condução dos **irmãos nas** trevas e poderemos mostrar o caminho que **trilhamos** com amor. Plantaremos nele a semente da e**sperançai** Usemos, então, tudo que está à mão: os valores **materiais,** a voz e a juventude. É hora de secar o pranto, é **hora** de perdão, é hora de servir Jesus nos amparai Com **Ele** sempre venceremos. A

solidão não tem lugar, a tristeza finda Estamos juntos. Vamos servir por amod Francisco"

Quando Francisco retirou a mão, Zélia parou automaticamente. Então, ela ouviu a sua voz:

-Tu estás bem?

- Sim. Estou sempre bem quando estou contigo.

- Esta página é para te provar, a ti e aos outros, que estou perto; que tu não sonhastes. Releia e decida se vamos chorar separados ou se juntos serviremos nossos irmãos de dor.

- Tu falas de irmãos! Que irmãos?!

- Os que dormem nas ruas, nos bancos de jardim, **as** crianças com fome e os que querem o pão do espírito.

- Se tu estiveres comigo, eu farei tudo! Não me dei**xes!**

- Não deixarei, eu virei todos os dias.

- Que faço agora?

- Pense no que tu tens e como usar; nada levarás **quando** vieres me encontrar. Então, pense na melhor forma **de** uso.

- Sim, a mansão que Lourenço deixou e **todo o** dinheiro!

- Isso! Pense em Lourenço sem ódio, tudo é passado; conquistemos o futuro para nósl

- Quando estive na França, ouvi falar de um homem que escreveu livros sobre a vida espiritual Agora que falei contigo relembrei; eu tenho um livro dele!

- isso, Zélia! Pegues esse livro e lê; estudes, prepare-te para a nova fase: fase que hoje iniciamos.

- Só o teu amor para fazer-me reagir. Faremos tudo que pudermos pelos outros, não é Francisco?

- Fazendo pelos outros, estaremos fazendo por nós; não mais nos perderemos. Agora, preciso ir.

- Voltarás amanhã?

- Sim. Agora estarei, sempre que permitido por Jesus, a teu lado.

Nesta noite, Zélia procurou o livro que a tia lhe dera e, com o Livro dos Espíritos na mão, começou a conhecer a vida verdadeira Francisco, ainda em aprendizado, mentalmente lhe enviava fluídos positivos. João e Haroldo a esclareciam nas dúvidas, quando as questões do livro não iluminavam sua mente. Assim, pouco a pouco, Zélia mudou. Surpreendeu o pai e a irmã com uma calma e alegria que não viam desde a infeliz viagem. Francisco, toda manhã, a incentivava Logo Zélia começou a ter vontade de sair, ver a velha mansão e pôr suas idéias em prática Oito meses desde o início da leitura e a moça, revigorada, cicatrizada do sofrimento, punha-se à luta com vigor.

Quando **chegou à mansão, o caseiro veio recebê-la, junto com a esposa. Os dois, já idosos, transparecendo a paz dos justos, a acolheram com carinho. Eram irmãos que a ajudariam muito na nova fase. Conheciam muito da** vida **verdadeira e viam em Zélia a irmã que, com eles, serviria a Jesus.**

- **Bom dia, Juvenal, Deolinda! Como vão?**

- **Vamos muito bem - respondeu Deolinda, abraçando Zélia**

Juvenal olhou a cena comovido e demorou a responder ao cumprimento.

- **Bom dia Zélia! Que bom te ver sorrindo)**

- **Tu também és muito querido, mas hoje eu vim tratar de outras coisas; não é visita social.**

- **Que coisas, Zélia?**

- **Sabe. Deolinda quando tu começastes a trabalhar ■ aqui, um dia eu vi em tuas mãos um livro. E sobre este livro que eu quero falar.**

Deolinda sorriu e olhou para Juvenal e foi este que respondeu:

- **O Livro dos Espíritos, não ó?**

- **Sim, Juvenal. Quero que me falem de tudo que sabem sobre o li vo.**

Deolinda a convidou para entrar e, enquanto servia- lhe **um refresco, começou a falar**

- **Este livro, Zélia, é a porta, o consolo para muitos** que **não aceitam a miséria terrena e buscam em. Jesus as** respostas. **Ele as dá através do Sr. Kardec.**

- **Então, Deolinda, vamos abrir as portas para outras** pessoas, **que, como nós, querem o**

conhecimento.

- **Fico feliz por te ouvir falar assim; há muito que oramos por ti; para que te reencontres!**

- Juvenal pigarreia, como a pedir um aparte:

- Como vamos fazer, Zélia? Quais os teus planos? Tudo que ouvi ó belo, o teu entusiasmo é contagiante e eu estou ansioso)

- Ainda bem, Juvenal. Estive pensando: esta casa está vazia há muito tempo; tem, mais ou menos, vinte quartos, um grande jardim e eu tenho muito com que manter e auxiliar os que nada tem. Vamos fazer aqui um posto de socorro. Vamos alimentar, instruir, dar um pouco de esperança aos infortunados, que vagueiam pelas ruas.

Deolinda, comovida, secou os olhos e disse:

- Esta será a mansão da esperançai Nós seremos os irmãos de fé!

Juvenal, experiente das dores do mundo e do espírito, quis que os planos fossem mais detalhados. Falou de reuniões de estudo, de socorro aos sofredores desencarnados, cujo trabalho ele e Deolinda já faziam em pequena escala, em sua vivenda Zélia a tudo concordou e uma semana depois, o primeiro prato de alimento era servido pelas mãos de Zélia Logo eram tantos, que Zélia mal tinha tempo de pensar em si. Crianças sem lar foram acolhidas e doze pequeninos irmanados pela miséria tiveram na Mansão da Esperança o porto seguro em suas vidas.

Francisco, assessorado por João e Haroldo, trazia, pelas mãos de Zélia, mensagens de conforto 5 incentivo. E, sentindo seu amado tão próximo, Zélia era quase feliz. Apenas alguns momentos de lembranças antigas turva- **81**

vam seus belos olhos, mas Francisco sempre lhe devolvia a paz.

- Zélia, querida, não há lugar para mágoas em nos**sas vidas!** O perdão dos nossos erros será conquistado à **medida** que perdoarmos!

- Eu sei. Eu vou conseguir se tu estiveres comigo.

- Se confiares em Jesus, eu estarei sempre contigo! **Que devemos** fazer agora? Os meninos têm casa vamos **encaminhá-los** às escolas; os adultos têm alimentos: fa**zemos o** Evangelho para eles. Mas ainda falta algo.

- O que é, Francisco?

- Há quanto tempo tu não cantas? Eu sinto falta da música das tuas canções. Lembro uma vez que fiquei sob **tua** janela e tu trouxestes tantas coisas belas, tanta ternu**ra ao** meu coração!

- Então cantarei as tuas canções.

- Não. Cantarás as canções de Jesus aos pequenos irmãos.

- Canções de Jesus?!

- **Sim.** Começaremos a escrevê-las amanhã. Hoje **meu tempo** está findo. Fique com Jesus.

- **Vá** na tua luz, meu querido!

No outro dia, o trabalho árduo fez Zélia feliz, ao ver **os meninos** se alimentarem, ouvirem suas palavras do **Evangelho e** retribuírem com tímidos sorrisos: fez com que **sentisse alegria** "Como Francisco tinha razão!" Chamou 06 **meninos para** o jardim e cantou com eles. Depois brin**caram de roda e** logo era uma menina a mais. Juvenal e **Deolinda, da janela,** sorriam, cúmplices. Zélia tinha voltado **para a alegria e a alegria** para Zélia!

- Nosso trabalho mal começou e Jesus já nos premiai

- Sim, Juvenal! Ver Zélia feliz ó uma bençáo celeste!

- Hoje à noite virão algumas pessoas para a reunião de estudos e os irmãos do plano maior estarão mais atarefados. Vamos orar peio sucesso dos trabalhos.

À noite, às sete e trinta, foi servido o jantar. Zélia, Deolinda e Juvenal palestraram após a prece; depois que as crianças foram servidas. Bateram à porta. Juvenal atendeu. Era a família Batista: pai, mãe e um jovem simpático que adentrou a sala e fixou Zélia com interesse. A mãe o apresentou:

- Zélia, querida, tu estás tão bem! Este é meu filho, o Rodrigo.

- Muito prazer, Rodrigo! Fique à vontade.

- Boa noite, Zélia' — cumprimentou-a o pai do moço.

- Finalmente vamos coversari

- Não sabia que estavas tão ansioso, Sr. Mário, mas tenha um pouco de paciência às oito começaremos a reunião.

Depois que as crianças se recolheram, passaram a uma sala çimpla, com uma mesa grande e várias cadeiras. Um vaso, com rosas brancas e cravos vermelhos, era o único ornamento, além de alguns quadros de muito bom gosto. Sentaram-se todos. A família Batista, conhecedora do Espiritismo, estava à vontade e, como semelhantes se atraem, todos tinham prazer em estar ali. Zélia fez a prece de abertura.

— Jesus amado, por tua mercê nós encontramos a luz; em teu amor aprendemos a amar; faça de nós teus instrumentos; faça desta casa a casa do alívio, a casa da orientação, a casa do bálsamo; que possamos beber em tua fonte, saciar nossa fome do teu pão espiritual e que todos, na matéria e fora dela, se sintam irmãos; que assim seja!

Depois, Juvenal abriu o Evangelho e dissertou sobre a caridade. Todos fizeram comentários. O Livro dos Espíritos foi aberto na sequência em que vinham estudando e o tema - escolha das provas terrenas - foi debatido. Quando passaram à parte prática da reunião, foi o Sr. Mário Batista que fez a prece. Logo, sua esposa deu passividade ao seu protetor, que transmitiu bela mensagem. Francisco, que se fizera visível à Zélia, parecia satisfeito com a presença dos convidados à reunião. Zélia tomou papel e lápis e logo Francisco deu sua participação:

"Irmãos em Cristo.

Que a paz esteja em seus corações. Eu estou feliz por tê-los aqui: a luz está mais brilhante. Todos na comunhão de ideais iluminarão muitos caminhos. Sejam bem vindos! Que seja esta a primeira de muitas horas juntos. Minha irmã Zélia tem muito a fazer e vós sabeis de vossas tarefas. Unidos o trabalho será mais produtivo. Persistam, Jesus confia Francisco."

Quando encerraram a sessão, Deolinda serviu café com biscoitos e uma conversa agradável foi iniciada go.

- Então, Zélia quem ó Francisco? — indagou Rodrigo

- Francisco foi e ó muito importante para mim, Rodrigo! Ele foi o reencontro com a vida e a perda maior também; agora ó a esperança do amanhã para mim!

I Maravilhoso, Zélia! Lindo ouvir alguém falar assim; eu pensei que as pessoas não amassem mais! Ainda bem que me enganei.

- Agora, Francisco está no outro lado, mas sempre que pode eu o tenho junto de mim!

- Eu queria ser amado assim! - e dirigindo-se ao espírito. - Francisco, te invejo! Estejas onde estiveres!

Francisco sorriu e, antes de ir com os irmãos, depositou um beijo pleno de ternura na fronte de Zélia. João e Haroldo viam o trabalho crescer os encarnados à procura de luz, com avidez. Trocavam opiniões:

- Sabe, João, agora começo a sentir que a paz está reinando nestes corações.

- É a aceitação de Jesus! Mas, meu amigo, ainda falta muito para as mentes estarem vibrando na mesma freqüência

- E esse moço, que papel tem na vida de Zélia?

- O jovem Rodrigo? Esse tem muito de belo rfalmal Ele fará Zélia completar sua tarefa; será um apoio muito importante.

- Como, João? Ele apenas chegou e a Mansão da Esperança já está em atividade! Qual o seu papel?

- Zélia é mulher, é jovem. Os jovens se atraem, se buscam e, embora o amor de Francisco seja pleno, a missão do casamento e da maternidade foi assumida por Zélia.

- E Francisco? Como reagirá?

- Será o incentivador dos dois! Quem ama, de verdade, não quer o fracasso do ser amado! E agora, meu caro, vamos, pois, que somos necessários em outra casa.

Nos dias subseqüentes, Rodrigo ia todas as tardes na mansão: ajudava com as crianças, servia o jantar, fazia-lhes o Evangelho. Não deixava Zólia séria por muito tempo: sempre dizia algo para fazê-la

sorrir. Assim, sua presença tomou-se necessária; sua bondade, seu amor , pelas pessoas, o fizeram muito querido. Zélia no entanto, via nele apenas o irmão, nada mais. Mas o moço, consciente de que viera para completar com Zólia aquela obra, [1] resolveu falar-lhe com a franqueza dos que confiam e acreditam, sem restrições, em Jesus.

Certa tarde, a moça colhia cravos vermelhos no jardim, quando ele aproximou-se:

- **Boa tarde, moça dos cravos vermelhos!**
- **Uma vez, outra pessoa já me chamou assim!**
- **Francisco?**
- **Sim. Foi há muito tempo. Eu não sabia ainda o quanto ele era importante para mim.**
- **Era, não, acho que ainda ó. ,**
- **Sim, ainda é e será para sempre!**
- **E não há mais lugar para ninguém em teu coração?**
- **Se falas de amor por outro homem, não!**
- **Tu és tão moça, Zélia! Não renuncies à vida Não ,** sonhas, por acaso, **em ser mãe?**
- **Sonhava com Francisco. Agora vivo para as crian**ças **da mansão; são elas os filhos que nunca terei!**
- Não fales assim! Eu quero te falar de mim. Quando a conheci, soube que tu serias parte de minha vida Ainda não sei como cheguei aqui, mas não vim por acaso. Não te ofereço o amor como o de Francisco, mas eu te amo! Com o meu amor, juntos, completaremos a tarefa. A dois será mais fácil: seremos os pais destas crianças e, se Deus nos reserva algo mais, com quatro mãos o serviremos melhor!
- Lamento, Rodrigo, mas não te amo! E não quero casar. Tu és um irmão muito querido, nada mais.
- Não me respondas agora: refletes; fales com Francisco, depois me respondas.
- Francisco não aprovaria; ele me ama como eu o amo; somos um do outro!
- Ainda assim, a vida tem leis que devem ser respeitadas. Temos sempre que acolher em nossos braços os antigos desafetos e só com um lar pleno de Jesus isso será possfvel.
- Que desafeto? Do que estás falando?
- Primeiro fales com Francisco, depois continuaremos a conversa. Que Jesus te ilumine, minha querida Zé- lial

Naquela noite, após a prece costumeira, Zólia adormeceu e logo viu Francisco a seu lado, que a envolveu em temo abraço, enquanto acariciava seus cabelos. O moço indagou sobre sua preocupação:

- Minha querida Zélia, o que te aflige?
- A conversa com Rodrigo, tu ouvistes?
- Sim! E ele tem razão!

Surpresa, Zélia fixa o rosto de Francisco:

- Como? Tu achas que devo ***aceitar casar-me*** com ele?
- **A decisão é tua, Zélia. No entanto, lembra-te que temos um pesado fardo de erros. Se não assumirmos as leis da vida terrena e do espírito, só agravaremos nossas faltas)**
- ***Do que* falas? Seja mais claro, *por* favor!**
- **Estou falando de Lourenço.**
- **Não me lembres este nome, por favor!**
- **Eu sei que te causa más recordações, mas iremos além do que podes recordar agora: ele foi o marido traído por nós; nós não soubemos nos conter e ele causou teu desencarne; agora, indiretamente, fomos os causadores do seu suicídio. Quando ele te conheceu, tu poderías tê-lo ajudado a se equilibrar e não perder a existência, se não me tivesses encontrado; se eu tivesse renunciado a ti, desta última vez, não teria aumentado minhas dívidas e não teria causado tanta dor.**
- **Então somos culpados por nos amarmos? Por que temos que viver separados?**
- **Não, Zélia Não temos que viver separados. Cada** homem, **cada mulher, tem a sua tarefa no mundo e quan**do não **a *cumpre* tem *que* recomeçar. Nós falhamos com** Lourenço **e nossas falhas o lançaram na**

revolta Quando ele *foi seu marido, era para que* tu o ajudasses como esposa a acolher outros irmãos que viríam como seus filhos; , aí nós nos encontramos. Eu devería tê-la deixado em paz, mas não o **fiz. Traímos. *Ele* soube e a matou: quer dizer, castigou seu corpo de carne e complicou mais sua existência, pois, não te perdoando, ele impediu a vinda daqueles filhos. Outros, revoltados, vingaram-se dele. Desta vez, ele era um homem já experiente que em ti encontraria o pilar da Mansão da Esperança. Eu apareci e não te deixei seguir o curso da tua prova; apesar dos avisos. Agora, nosso infortunado Lourenço expira mais crimes, inclusive o suicídio.**

- E como poderemos ajudá-lo agora? O que tu sabes dele?
- Quando parti, amigos generosos me acolheram. Nós fizemos mal, mas amamos muito e muitos nos amam; inclusive João. E, graças a estes irmãos, me recuperei logo; tomei conhecimento de tudo. Quando superei a mágoa do que Lourenço fez a ti, eu o procurei e, por intercessão de muitos, agora o temos melhor, na Casa de Lázaro. Só que ele precisa reencarnar breve.
- Meu Deus! E tu queres que eu o receba como filho?!
- Se tu o quiseres. Como filho tu poderás orientá-lo; mostrarás a ele o amor, devolvendo-lhe o equilíbrio.
- Será que conseguirei?! E Rodrigo? Quem ó Rodrigo?!
- É um dos que nos amam. Os instrutores, sabendo de nossas fraquezas, o mantiveram perto e agora, instruído por João e Haroldo, ele aproximou-se de ti. Ele receberá Lourenço como filho, se tu o aceitares também!
- Temo fracassar! Eu não o amo! Eu não amo Rodrigo! Eu amo a ti! E tu sabes disso! Como casar sem amar?!
- O amor verdadeiro ó renúncia Temos que renunciar para que um dia possamos estar juntos para sempre!
- Quer dizer que não estarás mais comigo?
- Eu estarei sempre perto de ti; só que não mais me verás, nem me ouvirás. Assim não interferirei na tua vida
- Não me deixes! Eu te amo!
- Eu te amo desde o princípio e será assim pela eternidade, mas temos que conquistar o direito de estarmos juritos!
- Então está bem. Mas, de vez em quando, faça-me te sentir.
- Eu estou em ti! E tu estás em mim, para sempre!

Amanhecia Zélia despertou com novas sensações,
novas inspirações, como sabendo o que fazer. Quando desceu, Deolinda já havia preparado o café para todos. Juvenal acompanhava a higiene das crianças.

- Bom dia, Zélia! Dormistes bem?
- Sim, Deolinda, bom dial
- Juvenal e eu falamos muito sobre ti: estás muito cansada; deverieis te cuidar mais!
- Não posso, logo virão mais crianças, Deolinda! Já perdi muito tempo; bendito trabalho que me faz tão bem!
- Então, ao trabalho, mocinha! Sirva o café com leite que vou buscar o pão.

Enquanto as crianças comiam, Zélia pensava em Francisco. Sentiu imensa vontade de vê-lo, pensou que ele viria, mas não veio. Ficou decepcionada. Foi para a sala anterior, onde aconteciam as reuniões, tomou papel e lápis e aguardou: não aconteceu. Orou e esperou. Nada Chorou, sentindo que agora tinha que decidir, se o quisesse realmente, sabia o que devería fazer. No entanto, passaram-se vários dias antes que Rodrigo voltasse. Uma tarde, no jardim, sua voz lhe devolveu o sorriso:

- Então, moça dos cravos vermelhos, estás humilhando as outras flores com tua beleza?
- Rodrigo) Todos sentiram tua faltai Eu não sabia mais o que dizer às crianças.
- Eu quis te dar tempo para pensar em minha proposta
- E precisavas sumir? Eu senti falta de ti. Não faças mais issol
- Que bom! Eu fiz falta! Então posso ficar de vez? Como teu marido?

- Siml Acho que tu sabes a verdadeira razão desse casamento, não sabes?

- - É porque sou pobre e tu tens muito dinheiro. - disse rindo.

Rodrigo abraçou Zélia e, temamente, beijou sua fronte.

- Querida Zélia com Jesus, nós venceremos e faremos muito pelos que ainda não o conhecem!

As reuniões sucederam-se cada vez com maior número de participantes. A sopa era servida aos que, cada vez mais, se aglomeravam nos portões da mansão. Mais crianças chegavam. Rodrigo dedicava mais horas aos desprotegidos e Zélia, fortalecida física e espiritualmente, era incansável; estava em todos os lugares, sempre com suas mãos pequenas amparando, ensinando e direcionando.

Deolinda e Juvenal foram convidados para padrinhos do casamento. A pequena Garça Branca esperava a pompa que a posição de Zélia induzia a crer, mas ela e Rodrigo casaram-se na mansão, junto de suas crianças, com seus mendigos, que naquele dia tiveram também um pedaço de bolo que Deolinda fez.

Natália e Oliveira a abraçaram. Não conviviam com ela há muito, pois o Hotel Paris ia muito bem e não sobrava tempo para dedicarem a Zélia Natália casada com um moço ilustre de Garça Branca não falava da irmã ao marido. Oliveira a deixava em paz; não eram seus parentes espirituais; seus caminhos eram diferentes.

Zélia forte e consciente, era quase feliz. Sabia que Francisco e ela se reencontrariam e faria tudo para não prorrogar este dia Assim, quando Rodrigo a abraçou, ela o fez sentir que tudo estava bem.

- Zélia querida eu quero que sejas felizl Conte comigo para isso!

- Eu sei, Rodrigo! Eu sei que serei feliz. Sei e confio em Jesus!

Alguns meses depois, Zélia sentiu que alguém mais ia chegar. Rodrigo ficou radiante. Ela um pouco apreensiva foi para o jardim e sentou-se pensativa quando aquela voz tão amada tão saudosa, se fez ouvir

- E então? Os cravos vermelhos estão se sentindo abandonados?

- Francisco?! Tu voltastes?!

- Eu nunca fui embora; mas esta ó a última vez que nos falamos!

- Que pena! Tu já sabes?

- Sim e estou contente! Tu estás bem e eu logo conseguirei tudo que almejo.

- E o que tu almejas?

- Estar quite com a lei, para estar contigol

- Estaremos, Francisco! Logo eu irei para junto de ti!

- Não fales assim! Ainda há muito a fazerl Essa criança, que tu sabes quem é, vai precisar muito de ti, de todo o teu amor!

- E tu, para onde vais?

- Eu vou aprender mais; me preparar para uma próxima reencamação. Talvez perto de ti!

- Comigo?! Vais estar comigo?!

- Não sei, mas estaremos sempre perto. Sempre nos sentiremos e nos reconheceremos; só que estaremos mais equilibrados; não desperdiçaremos mais nossos dias!

- Eu vou lembrar de ti todos os dias! Pense em mim também!

- Eu penso e pensarei sempre; méis em ti, breve, serei apenas uma leve saudade; nossas conversas serão esquecidas para não seres envolvida por tristezas.

- Se é a vontade de Deus.. . mas eu vou te amar sempre!

- Eu te amo para sempre; agora eu vou. Até qualquer dia, minha luz!

- Até sempre, Francisco!

Beijou-a na fronte, tocou seus cabelos e foi desaparecendo. Zélia ficou em silêncio, orando. Quando secava a umidade dos olhos, Rodrigo chegou;

- **Estás triste, *Zé* lia? Não fiques assim, o que houve?**

- **Foi uma despedida, Rodrigo! Agora estou melhor.**

- **Francisco veio ver-te?**

- **Sim. Ele está tranqüilo e confia em ti.**

- Francisco, se tu podes me ouvir, saibas que cuidarei bem dela; eu a ampararei para que possam se reencontrar em Jesus; pois Dele, só Dele, emana o amor verdadeiro!

Francisco ouviu e sorriu. Estava confiante, sua estrada de paz começava agora; era só caminhar.

Logo Zélia tinha nos braços um belo garoto. Já não lembrava mais quem ele era. Só sabia que tinha, sorvendo seu leite, um filho muito amado!